

*Reitoria*

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL  
ENSINO LICEAL

ANUÁRIO  
DO  
LICEU DE AVEIRO

(1953-1954)

bib**RIA**

Relatório Dirigido ao Ex.<sup>mo</sup> Director-Geral  
do Ensino Liceal

POR

JOSÉ PEREIRA TAVARES

REITOR



— 1954 —

Gráfica Aveirense, L.da

— Aveiro —

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL  
ENSINO LICEAL

---

Relatório do Reitor do Liceu Nacional de Aveiro,  
referente ao ano lectivo de 1953-1954

ANUÁRIO

DO

Ex.<sup>mo</sup> Senhor Director-Geral do Ensino Liceal:

LICEU DE AVEIRO

(1953-1954)

**bib**  **RIA**

Relatório Dirigido ao Ex.<sup>mo</sup> Director-Geral  
do Ensino Liceal

POR

JOSÉ PEREIRA TAVARES

REITOR

FISCAL DOENTE

José Pereira Tavares nasceu em Aveiro, Portugal, em 1916. É licenciado em Ciências da Universidade de Coimbra, com o Curso Superior de Ciências. Data da primeira nomeação: 15 de Janeiro de 1946; posse, 10 de Fevereiro.

Pedro Maria de Barros nasceu em Aveiro, 1.º grupo favelado. Director do Liceu Nacional de Aveiro em Biologia clássica. Exame de Habilitação para o Ensino Secundário, 1946-1947 (Integração).

1954

Gráfica Aveirense, L.da

Aveiro

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL  
ENSINO LIGAL

ANUÁRIO

DO

LICEU DE AVEIRO

(1953-1954)

**Albida**

Relatório do Director-Geral  
do Ensino Ligeiro

FOR

JOSE PEREIRA TAVARES

REITOR

1954

Gráfica Avenida, 195

Aveiro

## Relatório do Reitor do Liceu Nacional de Aveiro, referente ao ano lectivo de 1953-1954

*Ex.<sup>mo</sup> Senhor Director-Geral do Ensino Lical:*

Segundo o disposto nas alíneas hh) e ii) do Art. 18.<sup>o</sup> do Estatuto do Ensino Lical, tenho a honra de apresentar a V. Ex.<sup>a</sup> o Anuário-relatório dos serviços do ano lectivo de 1953-1954 e, na parte administrativa, os mapas de receita e despesa de 1953.

### A — O edificio e suas dependências

Logo desde a primeira hora e conforme por mim foi dito a S. Ex.<sup>a</sup> o Ministro da Educação Nacional no dia da entrega do edificio (25-V-1952), se notou que o número de salas é insuficiente para a perfeita e rigorosa instalação da Secção Feminina e para um mais cómodo funcionamento das aulas das diversas secções do 6.<sup>o</sup> e 7.<sup>o</sup> ano. Com mais seis salas de aula, três em cada ala, desapareceriam todos os inconvenientes, que aliás têm sido remediados sem grande prejuízo para o ensino.

### B — Pessoal do Liceu

#### PESSOAL DOCENTE

*José Pereira Tavares*, 1.<sup>o</sup> grupo. *Reitor*. Diplomado com o Curso Superior de Letras. Data da primeira nomeação: 15 de Janeiro de 1916; posse, 16 de Fevereiro.

*Pedro Maria da Rocha e Cunha Serra*, 1.<sup>o</sup> grupo (efectivo). *Director da biblioteca*. Licenciado em filologia classica. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1946-1947 (agregado).

*Alfredo Antunes dos Santos*, 1.º grupo (auxiliar). Licenciado em filologia clássica. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1947-1948 (agregado).

*D. Virgínia de Carvalho Nunes*, 1.º grupo (agregada). Exame de Estado. Primeira nomeação, 1949-1950.

*D. Lilás dos Santos Carriço*, 1.º grupo (agregada). Exame de Estado. Primeira nomeação, 1948-1949.

*Manuel da Silva Gaspar Júnior*, 2.º grupo (efectivo). Licenciado em filologia românica. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1922-1923 (provisório).

*D. Dorinda Fernandes Rainha Agualusa*, 2.º grupo (agregada). Licenciada em filologia românica. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1949-1950.

*D. Maria Luísa Sereno Cura-Mariano*, 2.º grupo (agregada). Exame de Estado. Primeira nomeação, 1953-1954.

*José Gomes de Azevedo Matos*, 3.º grupo (efectivo). *Director do 2.º ciclo*. Licenciado em filologia germânica. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1940-1941 (agregado).

*D. Maria da Conceição Costa e Sousa*, 3.º grupo (agregada). Exame de Estado. Primeira nomeação, 1943-1944.

*D. Maria Assunção Simões Perelra*, 3.º grupo (agregada). Exame de Estado. Primeira nomeação, 1951-1952.

*José Gomes Bento*, 4.º grupo (efectivo). Exame de Estado. Formatura em direito. Primeira nomeação, 1934-1935.

*Francisco de Assis Ferreira da Mala*, 5.º grupo. *Secretário*. Licenciado em Ciências histórico-geográficas. Exame de Estado. Licenciado em Direito. Primeira nomeação, 1926-1927.

*Amílcar Augusto Patrício*, 5.º grupo (auxiliar). *Director da Cantina. Director do Gabinete de Geografia. Subdirector*

do 2.º ciclo. Licenciado em Ciências geográficas. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1943-1944 (agregado) (1).

**D. Clarisse Antunes Baptista**, 5.º grupo (agregada). Exame de Estado. Primeira nomeação, 1952-1953.

**Orlando de Oliveira**, 6.º grupo (efectivo). *Director do 3.º ciclo*. Licenciado em Ciências histórico-naturais e em Farmácia. Exame de Estado. Primeira nomeação, Dezembro de 1932 (provisório).

**Américo da Silva Matos**, 6.º grupo (agregado). *Director do Gabinete de Ciências. Subdirector do 1.º ciclo*. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1940-1941.

**Eulides Simões de Araújo**, 7.º grupo (efectivo). Licenciado em Ciências físico-químicas. *Director do Gabinete de Física*. Exame de Estado. Primeira nomeação, 25 de Novembro de 1931.

**D. Marla de Lurdes Cardoso Gomes**, 7.º grupo (efectiva). Exame de Estado. *Directora da Secção Feminina*. Primeira nomeação, 1944-1945 (agregada).

**Francisco Ferreira Neves**, 8.º grupo (efectivo). Bacharel em Ciências Matemáticas. E. N. Sup. de Coimbra. Primeira nomeação, 1918-1919.

**José Carnelro da Silva**, 8.º grupo (efectivo). *Director do 1.º ciclo*. Licenciado em Ciências Matemáticas. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1937-1938 (agregado).

**António Fernando Marques da Rocha**, 9.º grupo (efectivo). *Vice-Reitor*. Curso de Desenho para o magistério liceal. Exame de Estado. Primeira nomeação, 1936-1937.

**D. Maria Aurélia de Andrade de Alnelda Saraiva de Carvalho**, 9.º grupo (efectiva). *Directora dos Gabinetes de Desenho e Trabalhos Manuais*. Primeira nomeação, 1940-1941 (agregada).

1) Nomeado prof. efectivo do Liceu da Horta, por portaria de 13/III/954 (*Diário do Governo* n.º 77, de 25/III/954).

*D. Maria Ferreira Vieira*, 9.º grupo (agregada). Exame de Estado. Primeira nomeação, 1952-1953.

*D. Marta da Assunção Soares*, 9.º grupo (agregada). Primeira nomeação, 1948-1949.

*D. Maria Olíde Ribeiro Nunes* (Canto Coral) (contratada). Primeira nomeação, 1944-1945.

*João das Neves Lé* (Canto Coral) (contratada). Primeira nomeação, 1953-1954.

*Pedro Augusto Marques Rodrigues Ferreira* (Educação Física) (efectivo). Curso de medicina. Curso de Educação Física. Primeira nomeação, 1935-1926 (agregado eventual).

*D. Albertina Augusta da Silva Chaves Martins*, Educação Física (eventual) (1).

*Augusto Natividade da Silva*, Educação Física (eventual).

*D. Maria de Barros Furtado* (Lares) (contratada). Primeira nomeação, 1948-1949.

*D. Maria Ondina Leal Gomes Leite* (Religião e Moral). Licenciada em Filologia Clássica.

*P.º Agostinho Tavares Rebimbas* (Religião e Moral). Curso Teológico do Seminário de Lisboa. Curso da Faculdade de Teologia da Universidade Gregoriana de Roma. Curso de Sagrada Escritura do Instituto Bíblico (Roma). Primeira nomeação, 1949-1950.

#### PESSOAL DOCENTE EM COMISSÃO

*Manuel Francisco Catarino*, 1.º grupo — Liceu de D. João III.

*D. Aurora Fernandes David*, 3.º grupo (Secção) — Comissariado da M. P. Feminina.

1) Começou a exercer o ensino, neste Liceu, somente no dia 17 de Novembro de 1953.

*D. Madalena da Conceição Rosa*, 4.º grupo — Comissariado da M. P. Feminina.

*Álvaro da Silva Sampalo*, 6.º grupo — Presidência da Câmara Municipal de Aveiro.

*Álvaro dos Santos Saraiva de Carvalho*, 1.º grupo (auxiliar). Min. da Ed. Nacional (1).

#### MÉDICO ESCOLAR

*Adérito Jaime Mendes Madeira*. Primeira nomeação, Agosto de 1919.

#### VISITADORA ESCOLAR

*D. Maria da Graça Roque Abrantes Prata*. — Entrou em exercício, neste Liceu, no dia 3 de Junho de 1949.

#### PESSOAL DA SECRETARIA

*Manuel da Silva Salgueiro*, 2.º oficial. Curso Complementar de Comércio. Nomeado, precedendo concurso, por despacho de 9 de Maio de 1950 (*D. do Gov.*, 2.ª s., n.º 136, de 14 de Junho). Posse — 17 de Junho de 1950.

*José Carreiró de Figueiredo*, aspirante. Tem exame de admissão aos Institutos Comerciais. Tomou posse e entrou em exercício em 2/XII/953.

*Carlos Miguéis Ferreira de Matos*, escriturário de 2.ª classe. Exame do 7.º de Ciências. Posse — 21 de Abril de 1949.

#### PESSOAL MENOR

*Amadeu Ferreira Estimado*, contínuo de 1.ª classe. *Chefe do pessoal menor*. Primeira nomeação, 22 de Janeiro de 1921; posse, 11 de Fevereiro. Tem a 5.ª classe dos Liceus.

1) No dia 26 de Março de 1954 (*Diário do Governo* n.º 72) foi nomeada professora efectiva do 5.º grupo *D. Augusta Vicência Pinto Almeida Cruz*, do quadro do Liceu de Bragança.

— No dia 17 de Abril, foi nomeada prof. contratada de Educação Física *D. Adelaide Remédio Sebastião*, em serviço no Liceu de Faro (*D. do Gov.* n.º 91, 2.ª s.).

**João Baptista Moreira**, contínuo de 1.<sup>a</sup> classe. Primeira nomeação, 24 de Abril de 1918; posse, 1 de Maio. — Tem exame de instrução primária. *Auxiliar da biblioteca.*

**João de Moraes Gamelas**, contínuo de 1.<sup>a</sup> classe. Primeira nomeação, 24 de Abril de 1918; posse, 1 de Maio. — Tem exame de instrução primária.

**Francisco de Moraes Gamelas**, contínuo de 1.<sup>a</sup> classe. Primeira nomeação, 12 de Agosto de 1919; posse, 1 de Setembro. — Tem exame de instrução primária. *Auxiliar do Gabinete de C. Naturais.*

**Domingos Ferreira**, contínuo de 2.<sup>a</sup> classe. Primeira nomeação, 24 de Outubro de 1932; posse, 25 de Outubro. — Tem exame de instrução primária. *Auxiliar da Secretaria e do Laboratório de Física.*

**Maria de Lurdes Sucena Ferreira**, servente. Primeira nomeação, 5 de Maio de 1914; posse, 4 de Maio. Tem exame de instrução primária.

**João Maria Pereira Júnior**, servente. Primeira nomeação, 2 de Julho de 1937; posse, 2 de Agosto. Tem exame de instrução primária. *Auxiliar das instalações de Geografia.*

**Maria Cândida Ferreira Estímado**, servente. Tem exame de instrução primária. Primeira nomeação, Janeiro de 1948.

**João dos Santos Pelinho**, servente. Tem exame de instrução primária. Primeira nomeação, 26 de Julho de 1950 (*D. do Gov. n.º 132, de 7 de Agosto de 1950*); posse, 8 de Agosto. *Auxiliar das instalações de Desenho e Trabalhos Manuais.*

**Acácio da Costa Agostinho**, servente. Tem exame de instrução primária. Primeira nomeação, 16 de Novembro de 1950. (*D. do Gov. 2.<sup>a</sup> série, n.º 295, de 21 de Dezembro de 1950*). Posse, 22 de Dezembro. *Auxiliar do Laboratório de Química.*

### C — Os ciclos

1 — *Instalação de cada ciclo* — Seguindo a orientação do ano anterior, instalaram-se nas salas da ala norte do edi-

fício todas as turmas femininas (1.º A e B, 2.º A e B, 3.º A e 4.º A) e as turmas mistas (3.º B, 4.º B e 5.º A), e na ala sul as turmas masculinas (1.º C e D, 2.º C e D, 3.º C, 4.º C e 5.º B), e no rés-do-chão prepararam se duas salas para servirem a várias secções do 6.º e 7.º ano. — Em virtude do aumento da frequência, houve necessidade de utilizar para sala de aula a sala de Liores, e estes passaram para a sala-de-estar das alunas, sita na parte norte do edificio.

2 — *Os alunos* — O número dos alunos matriculados directamente no Liceu foi o constante do seguinte mapa, que mostra aumento de frequência em relação aos anos anteriores.

	M	F	Total		
1.º ciclo	1.º ano	64	69	133	259
	2.º ano	70	56	126	
2.º ciclo	3.º ano	60	60	120	287
	4.º ano	52	41	93	
	5.º ano	40	34	74	
3.º ciclo	6.º ano	41	22	63	141
	7.º ano	46	32	78	
	373	314		687	

Seguem-se as listas nominais de todos os alunos, por anos e turmas, nas quais se indicam os reprovados, os transferidos, os que anularam matrícula, os que perderam o ano por faltas e, em anos de exame, a valorização obtida pelos aprovados :

### 1.º Ano — Turma A

- 1 Alcinda Odete Coelho Teiga
- 2 Ana Maria Simões da S. Lopes
- 3 Aurora Freixinho Coelho
- 4 Ausenda Martinho Anastácio, *reprovada*
- 5 Clotilde Joaquina de A. Mesquita, *reprovada*
- 6 Crisanta Augusta R. S. Carinha
- 7 Fernanda Domingues Ferreira
- 8 Fernanda dos Santos M. da Rocha (Chefe de turma)
- 9 Lélia Maria Nogueira Santiago
- 10 Maria Augusta Carinha Pereira
- 11 Maria do Céu S. Ferreira da Cruz
- 12 Maria Ercília Vitor B. Campos, *eliminada*
- 13 Maria Eugénia D. Sarrico dos Santos
- 14 Maria Eugénia Martins de Oliveira

- 15 Maria Glória A. Almeida Gonçalves, *reprovada*
- 16 Maria da Graça Rolin P. Barata, *transferida*
- 17 Maria Helena Adão
- 18 Maria Helena Antunes Tavares, *eliminada*
- 19 Maria Helena da R. Bastos
- 20 Maria Isabel Nunes Vieira, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. part.*
- 21 Maria Isabel Pereira e Santos
- 22 Maria José Camarinha da Cunha
- 23 Maria Júlia Gomes Simões
- 24 Maria Júlia Malaquias Gravato
- 25 Maria Luísa F. C. Teixeira
- 26 Maria Manuela de O. Cardoso
- 27 Maria Manuela Rocha Terrível (subchefe)
- 28 Maria Regina de A. M. Sobreiro
- 29 Maria dos Santos Vieira
- 30 Maria Teresa Paula S. Delgado
- 31 Maria Teresa da S. Coutinho
- 32 Maria Vitória P. da Cunha
- 33 Rosa Cesaltina A. F. de Azevedo, *reprovada*
- 34 Rosa Vitória Pires Alegrete
- 35 Maria Celeste Mónica Gomes

### 1.º Ano — Turma B

- 1 Almema Ribeiro Simões Bastos
- 2 Conceição Maria Silva Santos
- 3 Dora Maria Oliveira Madail
- 4 Emília Fernanda M. C. da Silva
- 5 Hedvigés Albino G. Marques, *reprovada*
- 6 Maria Aldina Marques Silva, *reprovada*
- 7 Maria Berta Freitas C. Castela (Chefe)
- 8 Maria Cecília S. Seabra Barros
- 9 Maria do Céu A. Gouveia Cunha
- 10 Maria Deolinda M. Carvalho
- 11 Maria de Fátima M. Correia
- 12 Maria Fernanda Cirino Oliveira, *reprovada*
- 13 Maria da Glória Maia Rocha
- 14 Maria da Graça Gilsanz Gonçalves, *reprovada*
- 15 Maria da Graça G. Santos Lé, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. part.*
- 16 Maria Helena Correia Romão
- 17 Maria Helena Valente Sérgio
- 18 Maria Isabel
- 19 Maria Isabel Rosa D. Carvalho
- 20 Maria José Senos Mónica, *reprovada*
- 21 Maria Laura S. M. Alexandre (Subchefe)
- 22 Maria Luísa Gilsanz Gonçalves, *reprovada*
- 23 Maria Manuela Ferreira Machado
- 24 Maria Manuela de O. Frade, *eliminada*
- 25 Maria Natália de Almeida Teixeira
- 26 Maria Odete dos Anjos Grilo
- 27 Maria Odete da R. São Marcos
- 28 Maria Olívia Sarabando Bola
- 29 Maria Vitorina Matias de Azevedo
- 30 Marília de Figueiredo Dias
- 31 Natália Barros da Costa, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. part.*

- 32 Rosa da Apresentação D. Vilarinho
- 33 Rosa Eneida B. Borges Malta
- 34 Rosa Maria A. Redondo
- 35 Maria Manuela S. Santiago Pinheiro

### 1.º Ano — Turma C

- 1 Abílio Manuel Veiga de Oliveira
- 2 Alfredo José da Silva Fonseca, *transf. p.ª o ens. part.*
- 3 António Alberto R. Correia Pinto
- 4 António Luís Freitas da Naia (Chefe)
- 5 António Luís Gomes Carvalho
- 6 António Manuel Ramires Ferreira
- 7 António Maria Gomes de Castro
- 8 António Nuno F. Campos Teixeira
- 9 Carlos Fernando de Oliveira, *reprovado*
- 10 Carlos Manuel Barata e Cunha, *reprovado*
- 11 Carlos Manuel R. Melo Moreira
- 12 Carlos Vicente F. M. Mendes, *reprovado*
- 13 Fernando António Nunes Lau
- 14 Francisco José P. Corte-Real
- 15 Henrique Manuel de L. Vaz Velho
- 16 João Afonso R. Albuquerque Cristo
- 17 João Boutonnet de Resende
- 18 João Jaime Neto B. Lopes
- 19 João José Amorim Santos (Subchefe)
- 20 João Manuel de Costa Graça
- 21 João Manuel Lopes F. da Silva
- 22 João Manuel Ribeiro S. Marnoto
- 23 João Mário Fernandes do Bem, *reprovado*
- 24 João Vicente da S. Ferreira
- 25 Joaquim da Silva Barrento
- 26 Jorge Manuel A. Eça Soares, *eliminada*
- 27 José Manuel C. Pinto Ferreira, *transferido*
- 28 Júlio de Magalhães Maia
- 29 Manuel de Campos Silvestre
- 30 Octávio Luís P. R. da Cunha
- 31 Orlando Moreira de C. Cruz
- 32 Rui Manuel Cardoso e Cunha, *transf. p.ª o ens. part.*
- 33 Alfredo Manuel de Serpa Magalhães

### 1.º Ano — Turma D

- 1 Álvaro Rosa D. de Carvalho
- 2 António Bernardino P. Santos
- 3 Cândido Dias Gaspar
- 4 Carlos Alberto da Cruz Lima
- 5 Carlos Alberto R. Parracho
- 6 Carlos de Jesus Mendes Maia
- 7 Diamantino Ribau Teixeira
- 8 Dinis Pires Estima
- 9 Duarte Amadeu Teles Bulhão

- 10 Eduardo de Almeida Cardadeiro  
 11 Eduardo Vieira Correia  
 12 Ernesto Gomes Vieira  
 13 Fernando Ferrão Dias (Chefe)  
 14 Fernando Manuel de Melo  
 15 Francisco Manuel B. R. Carrancho  
 16 Honório Tavares de Matos  
 17 João Albertino Cardoso Vidreiro  
 18 João Carvalho dos Santos  
 19 João Luís A. Marques Santos  
 20 João Manuel Pereira Ré  
 21 João Nunes da Silva, *reprovado*  
 22 José Francisco Ferreira Pinto  
 23 José Sarabando Moreira  
 24 Manuel Angelo da S. Lemos (Subchefe)  
 25 Manuel de Oliveira Cabral, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. part.*  
 26 Manuel Rodrigues F. Balcão  
 27 Manuel Soares M. Patrício, *transf. p.<sup>a</sup> o ensino doméstico*  
 28 Marcos Manuel M. Ferreira  
 29 Narciso Vechinã Martinho, *eliminado*  
 30 Paulo Simões Cândido Martins  
 31 Ricardo Jorge R. V. da Cruz  
 32 Tiago António D. Oliveira Silva  
 33 Manuel Rossine de Oliveira Pedro

# bibRIA

2.º Ano — Turma A

- 1 Alcinda Maria S. Andrade, apr. 15 valores  
 2 Georgina Valente Nogueira, 13 valores  
 3 Ilda Dias Leite de Azevedo, 11 valores  
 4 Lídia Rosa Neto Martins, 14 valores  
 5 Maria Adelaide G. Cerqueira, 14 valores  
 6 Maria Amarilis A. Santos (Subchefe), 12 valores  
 7 Maria Alzira M. M. de Loureiro, 12 valores  
 8 Maria Augusta V. F. de Abreu, 13 valores  
 9 Maria Beatriz F. Matias, 14 valores  
 10 Maria Berta O. Sousa, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. ind.*  
 11 Maria Cândida Moreira Rodrigues, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. part.*  
 12 Maria do Carmo F. Machado, 12 valores  
 13 Maria Cesarina S. Figueiredo, 13 valores  
 14 Maria Ermelinda Martins Correia, 11 valores  
 15 Maria de Fátima Moreira Magro, 12 valores  
 16 Maria Fernanda da Silva Oliveira, *transf. p.<sup>a</sup> o ensino part.*  
 17 Maria Helena M. Avelino, 15 valores (*dispensa da pr. oral*)  
 18 Maria Isabel Duarte de Castro, *eliminada*  
 19 Maria Isabel Pereira Soares, 17 valores (*dispensa*)  
 20 Maria Laura de F. Salomé, 13 valores  
 21 Maria de Lurdes M. Santos, *excluída*  
 22 Maria Manuela Santos Andrade (Chefe), 12 valores  
 23 Maria Otelina Praça Mónica, 13 valores  
 24 Maria da Soledade S. S. Cristo, 12 valores  
 25 Maria Suzete H. C. Pires, 13 valores  
 26 Natália Elisabete O. Silva, 10 valores  
 27 Rosa Alice Branco, 13 valores

- 28 Rute Anes Rodrigues Praça, *eliminada*  
 29 Júlia Alice Fernandes da Silva, *reprovada*

## 2.º Ano — Turma B

- 1 Aldina da Graça Madail, *excluída*  
 2 Alice Casimiro da Costa, *eliminada*  
 3 Cecília Loff P. Sérgio, 13 valores  
 4 Delminda da Silva Gomes, 13 valores  
 5 Fernanda Odete Sardo Ruano (Subchefe), 12 valores  
 6 Manuel Maria C. Costa, 13 valores  
 7 Maria Adriana Vieira Rangel, 13 valores  
 8 Maria Armanda Martins, 16 valores (*dispensa*)  
 9 Maria Augusta F. de Sousa, *transferida*  
 10 Maria da Conceição S. Tavares, *reprovada*  
 11 Maria Eneida Ramos Mónica, 13 valores  
 12 Maria de Fátima R. Pinto, 12 valores  
 13 Maria Ferreira Pericão, 14 valores  
 14 Maria da Graça F. do Vale, *transf. p.ª o ens. ind.*  
 15 Maria da Glória F. Capão, 12 valores  
 16 Maria Ivone R. C. Oliveira, *eliminada*  
 17 Maria José F. Naia Velhinho, *perdeu o ano por faltas*  
 18 Maria Júlia de O. Madail, 12 valores  
 19 Maria Madalena C. Caldeira, 11 valores  
 20 Maria Manuela C. da Silva, *excluída*  
 21 Maria Margarida C. Torres, *excluída*  
 22 Maria do Rosário G. S. Rocha (Chefe), 13 valores  
 23 Maria Teresa P. C. Amorim, 13 valores  
 24 Maria Teresa P. e Silva, 12 valores  
 25 Maria Vitória Matos Rocha, 16 valores (*dispensa*)  
 26 Maria Zulmira Guedes Cancela, 10 valores  
 27 Rosa Manuela da Cruz Naia, 12 valores  
 28 Sara Maria G. Marcela, 13 valores  
 29 Ester de Castro Coelho, *perdeu o ano por faltas*

## 2.º Ano — Turma C

- 1 Alexandre Loff P. Sérgio, *perdeu o ano por faltas*  
 2 Angelo José C. F. Patação, 12 valores  
 3 António Alfredo F. P. Almeida, 12 valores  
 4 António Benjamin V. e Silva, *transf. p.ª o ens. part.*  
 5 António José C. O. Gala, 15 valores  
 6 António Luís M. dos Santos, 13 valores  
 7 António Manuel A. Alves, *excluído*  
 8 Artur Manuel G. e Cunha, 13 valores  
 9 Domingos Manuel C. Tavares, 12 valores  
 10 Duarte Augusto de A. Urbano, 16 valores (*dispensa*)  
 11 Gualter Cardoso Monteiro, 12 valores  
 12 João Baltasar M. A. Brites, 15 valores  
 13 João Fernandes de Bastos, 13 valores  
 14 João Firmino D. Gonçalves, *reprovado*  
 15 João José Ferreira da Maia, 16 valores (*dispensa*)

- 16 Jorge Marques Moreira, 13 valores
- 17 José Alberto R. Ferreira, 14 valores
- 18 José António M. P. Vasconcelos, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. ind.*
- 19 José Fernandes Garcês, 14 valores
- 20 José da Luz Sardo Ruano, 11 valores
- 21 José Manuel S. R. Franco, 12 valores
- 22 José Manuel Soares Tomé, 14 valores
- 23 José da Silveira Salvador, *transferido*
- 24 Lívio José S. C. da Silva, 16 valores (*dispensa*)
- 25 Luís Fernando Pinto Lopes (Subchefe), 12 valores
- 26 Luís Olinto Gomes Neto, 12 valores
- 27 Manuel Andrade A. Primo, *excluído*
- 28 Manuel Ferreira C. Tavares (Chefe), 17 valores (*dispensa*)
- 29 Manuel Maria R. Pires Claro, 14 valores
- 30 Manuel Marques Albuquerque, *excluído*
- 31 Manuel Silva P. Bóia, 12 valores
- 32 Mário Manuel Gamelas Santana, 14 valores
- 33 Nélsou de Sousa M. Abreu, *excluído*
- 34 Octávio Manuel C. M. C. Lemos, 13 valores
- 35 Sérgio da Cruz M. Ferreira, 16 valores (*dispensa*)

## 2.º Ano — Turma D

- 1 Alfredo Manuel S. Regino, *excluído*
- 2 Américo Martins de Oliveira, 16 valores (*dispensa*)
- 3 António Alberto V. da Cruz, 13 valores
- 4 António Capela F. Gordo, 13 valores
- 5 António Dionísio A. Ribeiro, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. part.*
- 6 António José C. Branco (Chefe), 13 valores
- 7 António Ricardo S. P. Castro, 15 valores
- 8 António Virgílio M. da Silva, 12 valores
- 9 Armando Antas de O. Parada, 13 valores
- 10 Armando José N. R. Ferreira, 13 valores
- 11 Benjamim Adelino C. Pinho, 14 valores
- 12 César Ernesto C. Gomes, 16 valores (*dispensa*)
- 13 Fernando Bernardo M. C. Cabral, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. particular*
- 14 Francisco de Oliveira Faria, 15 valores
- 15 Hélder Lopes Valente (Subchefe), *excluído*
- 16 Henrique Ribeiro da Silva, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. part.*
- 17 João José Picado da Naia, *excluído*
- 18 João Sarabando Neves, *excluído*
- 19 Joaquim Amaral de Pinho, 15 valores
- 20 Jorge da Silva Teixeira, *excluído*
- 21 José Cândido M. F. da Cruz, 11 valores
- 22 José Manuel de O. Pontes, 16 valores (*dispensa*)
- 23 José Paulo Nunes Lau, 14 valores
- 24 José Tavares P. Vinagre, 13 valores
- 25 Júlio Manuel Lopes Matias, *excluído*
- 26 Luís Carlos Pereira, 16 valores (*dispensa*)
- 27 Manuel Dorindo Rocha, 11 valores
- 28 Manuel Valdemar F. Loureiro, 12 valores
- 29 Rui Sérgio B. Ferreira, 14 valores
- 30 Serafim de Oliveira Rodrigues, 12 valores
- 31 Silvério Oliveiros C. Sarabando, 11 valores

- 32 Vítor José F. Morgado, 12 valores  
 33 Vítor Jesus de Santo António, 16 valores (*dispensa*)  
 34 Vítor Martins dos Santos, 13 valores

### 3.º Ano — Turma A

- 1 Cândida Fernanda A. G. Melo
- 2 Ivone Martins Ramalheira
- 3 Jacqueline Fauconnier
- 4 Maria Adelaide C. Ramos
- 5 Maria Alcina C. Vizinho
- 6 Maria Alice R. Graça e Melo
- 7 Maria Amélia B. P. Verga
- 8 Maria Amélia M. Figueiredo
- 9 Maria Arminda S. Cosme, *transf. p.ª o ens. part.*
- 10 Maria Berta S. Farela
- 11 Maria Camila B. da Costa, *transf. p.ª o ens. ind.*
- 12 Maria do Céu C. Simão
- 13 Maria Clara Martins Lopes, *transf.*
- 14 Maria Clara Santos Lopes
- 15 Maria Claudete da Silva
- 16 Maria Etelvina S. C. Bettencourt
- 17 Maria de Fátima Vieira
- 18 Maria Fernanda P. Godinho
- 19 Maria Fernanda P. Madal
- 20 Maria Fernanda S. Almeida
- 21 Maria da Graça C. C. Amorim
- 22 Maria da Glória P. Silva
- 23 Maria Gracinda S. Baptista
- 24 Maria Isabel M. Rafeiro
- 25 Maria Isolina B. Páscoa (Chefe)
- 26 Maria Joaquina L. Parra
- 27 Maria José C. Rodrigues, *reprovada*
- 28 Maria José Praça Mónica
- 29 Maria Luísa Gomes Antunes, *transferida*
- 30 Maria Luísa Gonçalves da Graça, *reprovada*
- 31 Maria de Lurdes R. Morais
- 32 Maria Madalena R. A. Cristo, *anulou a matrícula*
- 33 Maria Manuela C. M. Almeida
- 34 Maria Manuela da E. Barreto, *reprovada*
- 35 Maria Manuela P. M. Cabrita (Subchefe)
- 36 Maria Ofélia C. M. Santos
- 37 Maria dos Prazeres F. Bastos
- 38 Maria da Silva Matos
- 39 Odete do Rosário S. Matos
- 40 Rosa Maria F. Oliveira

### 3.º Ano — Turma B

- 1 Fernanda Gouveia Marto
- 2 Idália da Silva Carvalho
- 3 Maria Alice Marques Ferreira

- 4 Maria Augusta M. Carvalho
- 5 Maria Beatriz F. M. Sobral Dias, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. part.*
- 6 Maria Berta F. M. Sobral Dias, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. part.*
- 7 Maria de Fátima N. Madalena, *perdeu o ano por faltas*
- 8 Maria Fernanda F. Machado
- 9 Maria Gabriela R. Gonçalves
- 10 Maria Isabel C. R. Tadeu, *transferida*
- 11 Maria José J. Ferreira
- 12 Maria José T. Ferreira
- 13 Maria de Lurdes de Jesus
- 14 Maria da Luz Dias Vidal
- 15 Maria Rosa Trindade Rafeiro
- 16 Maria da Saudade T. de Sá
- 17 Maria Vitória S. Rodrigues, *eliminada*
- 18 Olga Branca P. Madaíl, *reprovado*
- 19 Olga da Silva Martins, *eliminada*
- 20 Rosa Nunes Soares
- 21 Albano Dinis Soares Roldão (Subchefe)
- 22 A nadeu Vinagre M. Soares
- 23 António Rodrigues F. Balcão, *reprovado*
- 24 Carlos Alberto F. Maia
- 25 Carlos Alberto S. Grego, *reprovado*
- 26 Eduardo Faria Huet e Silva
- 27 João Carlos David Vieira
- 28 João Carlos P. R. da Cunha
- 29 João Fernando N. A. Serra, *reprovado*
- 30 José Manuel F. Gouveia
- 31 José Manuel F. Simões Rê, *reprovado*
- 32 José Manuel R. Marnoto
- 33 José de Pinho Lopes
- 34 Liberato Ribeiro de Almeida, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. part.*
- 35 Luís António C. de Sá, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. ind.*
- 36 Luís Augusto F. Maia
- 37 Manuel Olívio da Rocha
- 38 Manuel Pires D. dos Reis, *reprovado*
- 39 Rui de Matos O. Sérgio (Chefe)
- 40 Vitor José G. C. Paiva, *reprovado*
- 41 José Ferreira Rolo, *reprovado*
- 42 Rui José Gomes de Brito

### 3.º Ano — Turma C

- 1 Adérito Mendes S. Oliveira
- 2 Agostinho Machado F. Melo
- 3 Aires Jorge Costa Gomes
- 4 Alberto Freire de Matos
- 5 Amílcar José O. Madaíl
- 6 António Augusto V. G. Oliveira
- 7 António da Conceição Tavares
- 8 António Fernando P. Estima
- 9 António Ferreira do Casal, *reprovado*
- 10 António José F. Praça
- 11 António José G. G. Borges
- 12 Argemiro Carvalho M. Maia, *eliminado*
- 13 Artur Marques Figueira, *reprovado*

- 14 Aurélio Lucas  
 15 Carlos Andias da Paula  
 16 Carlos Manuel F. e Silva  
 17 Daniel Veiga Borges  
 18 Dário Manuel Gomes Vilão  
 19 Élio da Silva Amaral  
 20 Emanuel Lebre Vilela, *reprovado*  
 21 Fernando José C. Machado  
 22 Fernando da Luz S. Ruano  
 23 Francisco Albano R. Guimarães  
 24 Francisco Manuel F. Machado  
 25 Francisco Rosa D. Santos, *reprovado*  
 26 João António Bagão da Silva  
 27 João Pedro F. Machado, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. part.*  
 28 José Alberto S. C. da Silva  
 29 José Carlos S. P. de Almeida  
 30 José Manuel Matias de Azevedo  
 31 Libânio Tibério B. Paradela  
 32 Manuel Avenilde R. Valente, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. part.*  
 33 Manuel Duarte M. Pericão, *reprovado*  
 34 Manuel Nogueira Souto  
 35 Mário Manuel N. S. Ferreira  
 36 Rui Manuel L. de Araújo  
 37 Rui Manuel S. N. da Silva, *reprovado*  
 38 Vítor Manuel C. Caldeira, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. part.*  
 39 Vítor Manuel M. Gomes  
 40 Vítor Manuel O. e Sousa

# BIBLIA

4.º Ano — Turma A

- 1 Alzira Maria G. F. Mano, *reprovada*  
 2 Cármen de Jesus C. R. T. Ferreira, *transferida*  
 3 Emília Augusta T. Bilelo  
 4 Eneida de Jesus P. Campos (Subchefe), *reprovada*  
 5 Ermezinda Nunes Ferreira  
 6 Idalina de Almeida O. e Silva, *reprovada*  
 7 Laura Maria Marques Ferreira  
 8 Leontina Cirino S. da Silva, *reprovada*  
 9 Maria Adelaide P. Mónica  
 10 Maria Alice Melo de Almeida, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. part.*  
 11 Maria Amélia da Cunha Barreto  
 12 Maria Armanda T. Simões  
 13 Maria Augusta de A. T. da Rocha  
 14 Maria Augusta B. Pereira Verga  
 15 Maria Castela Duarte  
 16 Maria Celeste de A. e Silva  
 17 Maria Decília de O. Miranda  
 18 Maria Dolores R. da Silva, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. part.*  
 19 Maria Estela Campelo Tavares, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. dom.*  
 20 Maria Eugénia Sacadura Rebola  
 21 Maria da Graça da C. Góis  
 22 Maria Graciete P. Almeida  
 23 Maria Madalena P. M. da Cunha  
 24 Maria do Rosário P. C. Guerra  
 25 Maria Teresa C. Simões Dias

- 26 Maria Teresa N. S. Pereira  
 27 Maria Virgínia A. E. Soares (Chefe)  
 28 Otilia da Assunção Dias Santos  
 29 Rosa Adelaide R. São Marcos, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. part.*  
 30 Sônia Maria Vitor e Silva

#### 4.º Ano — Turma B

- 1 Fernanda Maria G. Costa e Melo  
 2 Maria Bárbara C. Santos  
 3 Maria Elisa V. da Silva, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. ind.*  
 4 Maria Emília M. Barbosa  
 5 Maria Eugénia S. Freire  
 6 Maria Helena O. Valente, *eliminada*  
 7 Maria José C. Carrão Bento  
 8 Maria do Rosário M. Azevedo,  
 9 Olga Gonçalves Ferreira, *transferida*  
 10 Zenaida da Conceição M. Velho  
 11 Zita da Piedade L. Costa  
 12 Alfredo Augusto F. Rodrigues  
 13 Alvaro Américo C. Mendes, *reprovado*  
 14 António Fernando F. Pinto  
 15 Carlos Alberto F. B. Almeida, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. ind.*  
 16 Carlos Casimiro G. Soares, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. part.*  
 17 Carlos Celestino R. Neto  
 18 Carlos Eurico F. Marques, *reprovado*  
 19 Custódio Rodrigues Guimarães  
 20 Fernando Alfredo S. Teixeira  
 21 Francisco José C. P. Ferreira, *transferido*  
 22 João Abel Martins das Neves  
 23 João José da Silva Graça  
 24 João Manuel S. Moreira, *reprovado*  
 25 Joaquim Manuel Dias Antunes, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. part.*  
 26 José Alberto Manso Pinheiro  
 27 José António S. V. de Oliveira (Chefe)  
 28 José Júlio N. A. Serra  
 29 José Pereira M. Amaral, *reprovado*  
 30 Manuel Dias Gaspar  
 31 Rafael da Silva M. Alexandre  
 32 Vitor Augusto P. de Oliveira  
 33 Angela M.<sup>a</sup> Gomes da S.<sup>a</sup> Brito (Subchefe)

#### 4.º Ano — Turma C

- 1 Afonso Henrique A. Costa  
 2 Alberto Manuel V. F. Almeida  
 3 Amável Valente Pereira  
 4 Amílcar Marcelino Gouveia  
 5 António Augusto S. Andrade  
 6 António da Cunha Ferreira  
 7 António Manuel N. Brandão  
 8 Arlindo dos Santos Parracho

- 9 Carlos Manuel R. Anastácio
- 10 César José M. Gomes de Pina, *transferido*
- 11 Domingos José B. Cerqueira, *reprovado*
- 12 Ernesto de Resende Ramos
- 13 Humberto da Rocha
- 14 João Guilherme S. Ferreira (Subchefe)
- 15 João José M. C. Pereira
- 16 João Martins Oliveira, *reprovado*
- 17 Joaquim Pereira Fernandes, *reprovado*
- 18 Joaquim Valente de Pinho (Chefe)
- 19 Jorge Augusto J. Machado
- 20 José Albino L. dos Santos
- 21 José de Almeida Vicetro, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. part.*
- 22 José Antônio M. Campos
- 23 José Carlos G. de Almeida
- 24 José Gil M. C. da Silva
- 25 José Maria David Vieira
- 26 José Mendonça Lemos
- 27 José Vidal F. Catão
- 28 Júlio Pires Ribeiro
- 29 Manuel Eduardo A. R. Neto
- 30 Manuel Malaquias Oliveira
- 31 Pedro Eduardo V. G. Oliveira

# 5.º Ano — Turma A

- 1 Adalcina Maja C. da Silva, 14 valores
- 2 Amélia Maria O. Pontes, 15 valores
- 3 Ana Paula M. Ramalheira, 13 valores
- 4 Benilde Martins Grilo, 17 valores (*dispensa*)
- 5 Generosa da Paula Lebre, 16 valores
- 6 Irene Neto L. Borges, *eliminada*
- 7 Maria Adélia N. Andrade, 12 valores
- 8 Maria Aldina Santos Frias, 15 valores
- 9 Maria Alice M. Gonçalves, 12 valores
- 10 Maria Amélia S. A. Firmino, 11 valores
- 11 Maria da Conceição Almeida, 13 valores
- 12 Maria Eduarda E. da Silva, 13 valores
- 13 Maria Emilia O. S. Prata, 13 valores
- 14 Maria Eneida T. A. Brites, 11 valores
- 15 Maria Fernanda C. M. Almeida, 12 valores
- 16 Maria Fernanda R. Filipe, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. part.*
- 17 Maria José Castela Duarte, 12 valores
- 18 Maria Judite B. Rosete, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. part.*
- 19 Maria Luísa M. M. da Graça, 13 valores
- 20 Maria Manuela R. F. Albuquerque, 12 valores
- 21 Maria Manuela T. Barreto (Subchefe), 17 valores (*dispensa*)
- 22 Maria Margarida C. Vicente, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. dom.*
- 23 Maria Margarida N. C. Leitão, 16 valores (*dispensa*)
- 24 Maria Odete Ramos Morais, 16 valores
- 25 Maria Odila S. Bastos, 14 valores
- 26 Maria de Oliveira Rocha, 12 valores
- 27 Maria da Piedade D. Assena, 12 valores
- 28 Maria Salomé P. Taborda, 12 valores
- 29 Maria Susete F. Ribeiro, 13 valores

- 30 Maria Teresa M. Borralho, 14 valores  
 31 Nicole Elisabeth L. Mommens, 16 valores  
 32 Rosa Manuela A. Grilo, 13 valores  
 33 Rosalina Rodrigues Silva, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. ind.*  
 34 Zulmira Eneida S. S. Cristo, 13 valores  
 35 António Rodrigues Graça (Chefe), 16 valores  
 36 Armindo Ricardo M. P. Pereira, 12 valores  
 37 Eduardo Alberto V. F. Abreu, 13 valores

### 5.º Ano — Turma B

- 1 Amadeu Marques Pauseiro, 13 valores  
 2 António Artur V. A. Freire, 13 valores  
 3 António dos Santos Vidal, 12 valores  
 4 Armindo Dorçay C. Torres, 13 valores  
 5 Artur Fernando M. S. Oliveira, 14 valores  
 6 Artur Manuel P. Seixas, 11 valores  
 7 Bento Manuel G. Araújo (Subchefe), 16 valores  
 8 Camilo Alves de Moraes, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. part.*  
 9 Camilo Augusto R. A. Cristo, 11 valores  
 10 Carlos Júlio P. Fitorra, 13 valores  
 11 Carlos Monteiro Correia, 15 valores  
 12 Constantino António Marques, 12 valores  
 13 Elio da Rocha Terrível, 14 valores  
 14 Ernesto Emídio C. V. Valentim, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. part.*  
 15 Fausto Tavares M. Picado, 14 valores  
 16 Fernando da Costa S. Dias, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. dom.*  
 17 Francisco Manuel C. Pinho, 11 valores  
 18 João António P. P. Góis, *excluído*  
 19 João Carlos Albuquerque Pinto, 12 valores  
 20 João Maria C. V. Gamelas, 13 valores  
 21 Joaquim Mendes M. Loureiro, 14 valores  
 22 Joaquim Ruela P. Claro, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. dom.*  
 23 Jorge Gonçalves S. Ferreira, *transferido*  
 24 Jorge Vasco de M. Fialho, 14 valores  
 25 José António C. G. Bento, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. ind.*  
 26 José Manuel C. Domingues *transf. p.<sup>a</sup> o ens. ind.*  
 27 José Manuel R. Malaquias, 13 valores  
 28 Manuel Carlos V. G. Oliveira, 11 valores  
 29 Manuel Maia da Loura e Silva, 11 valores  
 30 Manuel Martins R. Lima, 13 valores  
 31 Manuel Nunes Bento, 11 valores  
 32 Mário António R. Lourenço, 12 valores  
 33 Nuno José R. Câmpio, 12 valores  
 34 Reinaldo José G. Topete, 13 valores  
 35 Rui Jorge Ferreira Neves, 13 valores  
 36 Vasco Nunes Génio, 13 valores  
 37 Vitor Silva (Chefe), 14 valores

### 6.º Ano

- 1 Alcina Gomes Vieira, *rep. Inglês*  
 2 Dina Teresa R. Madalena, *rep. Inglês*

- 3 Eduarda Manuela R. Magano, 11 valores
- 4 Esmeralda Natércia V. Duarte, *rep. Filosofia*
- 5 Heloísa Vieira de B. Amaral, *rep. Fis-Q.*
- 6 Isilda Maria G. F. Mano, 10 valores
- 7 Judite dos Anjos Silva, 12 valores
- 8 Lúcia Ferreira B. Almeida, *eliminada*
- 9 Maria do Amparo C. Carvalho, 14 valores
- 10 Maria Cândida M. Maia, *eliminada*
- 11 Maria Celina M. Brandão, *transferida*
- 12 Maria Emília M. Ferreira, *eliminada*
- 13 Maria Eneida R. Oliveira, 13 valores
- 14 Maria Ermelinda R. Campos, 13 valores
- 15 Maria Guilhermina P. S. Monteiro, 14 valores
- 16 Maria Helena C. Amorim, 14 valores
- 17 Maria Helena M. Correia, *rep. C. N., F. Q. e Mat.*
- 18 Maria João C. M. Andrade, 11 valores
- 19 Maria Luísa F. V. Dias, *rep. Português*
- 20 Maria Luísa V. Chuva, *rep. F. Q. e Filosofia*
- 21 Maria Solange G. S. Lé, *eliminada*
- 22 Rosa Gamelas A. Martins, *eliminada*
- 23 Alcides Augusto P. Galo, 11 valores
- 24 António Alberto R. T. Sousa, *reprovado*
- 25 António Corte-Real A. Costa, *transferido*
- 26 António Manuel B. S. Redondo, 10 valores
- 27 António Manuel P. Lavadinho, 12 valores
- 28 António Rodrigues Ferreira, *rep. C. N., F. Q., Mat. e Desenho*
- 29 António Soares Tomé, 11 valores
- 30 Basílio da Rocha M. Júnior, 13 valores
- 31 Carlos Alberto M. A. Brites, *rep. F. Q., Mat. e Filosofia*
- 32 Carlos Alberto S. A. Portugal, 10 valores
- 33 Carlos Manuel M. S. Fernandinho (Chefe), 14 valores
- 34 Carlos Manuel N. D. Costa Candal (Chefe), 13 valores
- 35 Fernando da Graça Gonçalves, 10 valores
- 36 Fernando Paulo R. Carrancho, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. part.*
- 37 Francisco José P. Costa Serrão, *rep. Latim*
- 38 Germano de Jesus Santo António, 13 valores
- 39 Guilherme Manuel G. A. Girão, 12 valores
- 40 Jaime Ferreira Monteiro, *anulou a matrícula*
- 41 João Adalberto T. A. Brites, *rep. em F. Q. e Mat.*
- 42 João António Machado Marques, *rep. C. N., F. Q., Des. e Fil.*
- 43 João Carlos P. S. Alves, *rep. C. N. e F. Q.*
- 44 José Carlos A. G. Santos (Chefe), *rep. em Mat. e Fil.*
- 45 José Cross, *rep. F. Q. e Des.*
- 46 José Fernando S. C. Bettencourt, 14 valores
- 47 José Henriques G. Vilão, 13 valores
- 48 José Manuel Bastos Cachim, 11 valores
- 49 José Manuel C. Roque, *transferido*
- 50 Levi Pereira dos Santos, *rep. C. Nat.*
- 51 Lúcio António G. E. Santos, *transf. p.<sup>a</sup> o ens. part.*
- 52 Manuel Alvaro A. E. Soares, *rep. F. Q. e Mat.*
- 53 Manuel Barreto A. Leite, 12 valores
- 54 Manuel José Tavares Lopes, 11 valores
- 55 Manuel Lopes da Silva, *eliminado*
- 56 Manuel Ribau Teixeira, 13 valores
- 57 Manuel Rodrigues S. Oliveira, 12 valores
- 58 Mário Sérgio S. Rebola, *rep. Inglês*
- 59 Mário Tavares, 13 valores

- 60 Oscar Eduardo A. S. da Cruz, *eliminado*  
 61 Reinaldo Manuel A. Patrício, *rep. Português*  
 62 Silvério Freire de Matos, 12 valores  
 63 Vasco Fernando P. S. Alves, *rep. Al.*  
 64 João Rafael Serpa Magalhães, 13 valores

## 7.º Ano

- 1 Alcina Paula F. do Bem, 12 valores  
 2 Ausenda de Lurdes F. C. Ceia, *transferida*  
 3 Crisanta de Matos O. Sérgio, 15 valores  
 4 Dulce Dias Neves, *apr. P., L., Ing., Al. e Org.*  
 5 Emília Tomás Ferreira, *eliminada*  
 6 Esmeralda Valente Rodrigues, 14 valores  
 7 Ilda da Conceição S. Neves, 14 valores  
 8 Irene Ferreira N. Ribau, *eliminada*  
 9 Margarida Fernandes Carvalho, *apr.* 17 valores  
 10 Maria Aida do Carmo Henriques, 13 valores  
 11 Maria Amália C. Simão, *apr. F.-Q., Mat., Des. e Org.*  
 12 Maria Bernardete G. Paiva, 17 valores  
 13 Maria da Conceição N. V. Barbosa, *eliminada*  
 14 Maria Domingues O. e Silva, 17 valores  
 15 Maria Eduarda O. Ramos, 14 valores  
 16 Maria de Fátima J. Pereira, *eliminada*  
 17 Maria Filomena do V. G. Oliveira, 13 valores  
 18 Maria da Graça Garcia, 16 valores  
 19 Maria Graciete S. Mônica, *rep. Port., Lat. e Fil.*  
 20 Maria Helena V. S. Crespo, *eliminada*  
 21 Maria Irene R. Sousa, *eliminada*  
 22 Maria de Jesus P. Campos, *rep. Inglês e Mat.*  
 23 Maria José Teles Ferreira, *rep. Port., Lat. e Fil.*  
 24 Maria Júlia B. Pereira, *eliminada*  
 25 Maria Luísa G. Balseiro, 14 valores  
 26 Maria de Lurdes A. Soares, 14 valores  
 27 Maria da Luz V. Portugal, 12 valores  
 28 Maria Paula R. Corujo, *rep. Port.*  
 29 Maria do Rosário H. Gamelas, 14 valores  
 30 Natividade Simões da Rocha, *eliminada*  
 31 Palmira da Silva Oliveira, *rep. C. Nat. e Fil.*  
 32 Regina Almeida O. Silva, 14 valores  
 33 Adriano Antero T. Ferreira, *transferido*  
 34 Aguiinaldo Armando S. Melo, *rep. Mat. e Fil.*  
 35 Alberto Manuel F. Aqualusa, 13 valores  
 36 Albino Duarte P. D. Urbano, 12 valores  
 37 André Luís P. Ala dos Reis (Presidente da Academia), 19 val. (*disp.*)  
 38 António Borrvalho Rangel, 15 valores  
 39 António Carlos G. Rocha (Chefe) *rep. C. N. e Fil.*  
 40 António Celestino L. Santos, 15 valores  
 41 António Estêvão T. Oliveira, 13 valores  
 42 António dos Santos Frias, *rep. Mat. e Desenho*  
 43 António dos Santos Maltês, 18 valores  
 44 António Varelas Graça, 12 valores  
 45 Armando Manuel Neves Matos, 13 valores  
 46 Aurélio Nogueira Nunes, 15 valores  
 47 Carlos Alberto B. S. Neves, *rep. Mat., Des., Org. e Fil.*  
 48 Carlos Manuel S. Vidal, 14 valores

- 49 Diamantino Manuel R. Dias, *rep. Desenho*  
 50 Duarte Marques Borralho, 11 valores  
 51 Ernesto de Oliveira Miranda, *rep. Desenho*  
 52 Fernando Gabriel P. T. Faria, *rep. Mat. e Fil.*  
 53 Fernando Luis R. P. Claro, 13 valores  
 54 Fernando dos Santos Nogueira, *anulou a matricula*  
 55 Francisco José M. G. Ferreira, 12 valores  
 56 Henrique Augusto A. Cordeiro, 13 valores  
 57 João Eduardo O. G. Soares, 14 valores  
 58 João Libório Marques Graça, *anulou a matricula*  
 59 Joaquim Ferreira Gafanha, *rep. F. Q. e Fil.*  
 60 Joaquim Pires D. Reis, 13 valores  
 61 Jorge Manuel P. Tadeu Ferreira, 13 valores  
 62 Jorge Manuel dos P. Faustino, *rep. Lat.*  
 63 Jorge Manuel S. Picado, 16 valores  
 64 José Bernardino C. Vasconcelos, *apr. Mat.*  
 65 José Luís Luís R. A. Cristo, *rep. Lat.*  
 66 José Manuel C. Balseiro, 15 valores  
 67 José Mendes M. Loureiro, *rep. Lat. e Al.*  
 68 Manuel Filipe P. Rodrigues, *anulou a matricula*  
 69 Manuel Gomes Neves, 15 valores  
 70 Mário Jorge C. Santiago, 14 valores  
 71 Mário Martins da Silva, *eliminado*  
 72 Maurício dos Santos Parracho, *reprovado*  
 73 Raúl Duarte Mira, 12 valores  
 74 Rui Alberto Neto V. Rodrigues, 17 valores  
 75 Rui Manuel Alves C. Sousa, *rep. F. Q. e Mat.*  
 76 Rui Soares C. Almeida, *apr. P., Al., H., Fil. e Org.*  
 77 Sérgio Nuno P. Andrade, 17 valores  
 78 Vítor Sampaio Faustino, 14 valores  
 79 Gabriel A. de Serpa Magalhães, *rep. C. N.*

### 3 — Pessoal de cada ciclo

1.º ciclo: *Director* — José Carneiro da Silva (2º Ano);  
*Subdirector* — Américo da Silva Matos (1.º Ano); *Secretária* — D. Maria Luísa Mariano.

#### Pro'essores do 1.º ano

	Turma A	Turma B	Turma C	Turma D
Português	—D. Virgínia	D. Virgínia	D. Lilás	D. Lilás
Francês	—D. Maria Luísa	D. Maria Luísa	D. Maria Luísa	D. M.ª Luísa
C. Naturais	—A. Matos	A. Matos	A. Matos	D. Clarisse
Matemática	—D. Marta	F. Neves	F. Neves	F. Neves
Desenho	—D. M.ª Vieira (Sec.)	D. M.ª Vieira	D. Maria Vieira	D. Marta
Rel. e Moral	—D. Ondina	D. Ondina	Rebimbas	Rebimbas
Educ. Física	—D. Albertina	D. Albertina	P. Ferreira	Natividade
Canto Coral	—D. Olíde	D. Olíde	J. Lé	J. Lé
Lavores	—D. M.ª Furtado	D. M.ª Furtado	—	—

*Continuos das turmas* — Cândida, J. Gamelas.

## Professores do 2.º ano

	Turma A	Turma B	Turma C	Turma D
Português	— Serra	Serra	Serra	D. Dorinda
Francês	— Gaspar (1)	Gaspar	Gaspar	
C. Naturais	— D. Clarisse	D. Clarisse	D. Clarisse	D. Clarisse
Matemática	— D. Marta (Sec.)	D. Marta	D. Marta	D. Marta
Desenho	— D. Aurélia	D. Aurélia	D. M.ª Vieira	D. M.ª Vieira
Rel. e Moral	— D. Ondina	D. Ondina	Rebimbas	Rebimbas
Ed. Física	— D. Albertina	D. Albertina	P. Ferreira	P. Ferreira
Canto Coral	— D. Olide	D. Olide	J. Lé	J. Lé
Lavores	— D. Maria Furtado	D. M.ª Furtado	—	—

*Continuos das turmas* — Fr. Gamelas, Peixinho, J. Gamelas.

**2. ciclo:** *Director* — José Gomes de Azevedo Matos (4.º ano e 5.º B); *Subdirector* — Amílcar Patrício (3.º ano e 5.º A); *Secretária* — D. Lilás Carriço.

## Professores do 3.º ano

	Turma A	Turma B	Turma C
Português	— D. Conceição	Serra	D. Virgínia
Francês	— D. Lilás (Sec.)	D. Lilás	D. Dorinda
Inglês	— D. Assunção	D. Assunção	D. Assunção
História	— Assis	Bento	D. Maria Luísa
Geografia	— D. Clarisse	Patrício	Patrício
C. Naturais	— Orlando	Orlando	Orlando
C. Fís. Quím.	— Euclides	D. Lurdes	D. Lurdes
Matemática	— Rocha	Rocha	Rocha
Desenho	— Rocha	Rocha	Rocha
Rel. e Moral	— D. Ondina	(D. Ondina (Rebimbas	Rebimbas
Ed. Física	— D. Albertina	(D. Albertina (P. Ferreira	P. Ferreira
Canto Coral	— D. Olide	J. Lé	J. Lé
Lavores	— D. M. Furtado	D. M.ª Furtado	—

*Continuos das turmas* — Lurdes, Acácio.

## Professores do 4.º ano

	Turma A	Turma B	Turma C
Português	— Santos	Santos	Santos
Francês	— D. Dorinda (Sec.)	D. Virgínia	D. Virgínia
Inglês	— J. Matos	J. Matos	J. Matos

(1) Substituído, a partir de 17 de Maio, pela professora eventual do 2.º grupo, D. Alice Virgínia dos Santos.

	<u>Turma A</u>	<u>Turma B</u>	<u>Turma C</u>
História	—D. Lilás	D. Lilás	D. Lilás
Geografia	—Patrício	Patrício	Patrício
C. Naturais	—A. Matos	A. Matos	A. Matos
C. Fis. Quím.	—Euclides	Euclides	Euclides
Matemática	—F. Neves	F. Neves	F. Neves
Desenho	—Rocha	Rocha	D. Aurélia
Rel. e Moral	—D. Ondina	{D. Ondina Rebimbas	Rebimbas
Ed. Física	—D. Albertina	{D. Albertina P. Ferreira	P. Ferreira
Canto Coral	—D. Olide	J. Lé	J. Lé
Lavores	—D. M. <sup>a</sup> Furtado	D. M. <sup>a</sup> Furtado	—

*Continuos das turmas* — Cândida, Lurdes, Acácio.

#### Professores do 5.<sup>o</sup> ano

	<u>Turma A</u>	<u>Turma B</u>
Português	—Santos	Santos
Francês	—D. Dorinda	D. Dorinda
Inglês	—D. M. <sup>a</sup> da Conceição (Sec.)	D. M. <sup>a</sup> da Conceição
História	—Assis	Assis
Geografia	—Patrício	Patrício
C. Naturais	—A. Matos	A. Matos
C. Fis. Quím.	—D. Lurdes	D. Lurdes
Matemática	—Carneiro	Carneiro
Desenho	—D. Aurélia	D. Aurélia
Rel. e Moral	{D. Ondina Rebimbas	Rebimbas
Ed. Física	{D. Albertina Natividade	Natividade
C. Coral	—D. Olide	J. Lé
Lavores	—D. Maria Furtado	—

*Continuos das turmas* — Lurdes, Acácio.

**3.<sup>o</sup> ciclo:** *Director* — Orlando de Oliveira; *Secretária* — D. Maria da Assunção S. Pereira.

#### Professores do 6.<sup>o</sup> e 7.<sup>o</sup> anos

	<u>6.<sup>o</sup> Ano</u>	<u>7.<sup>o</sup> Ano</u>
Português	—D. Virgínia (Sec.)	Serra
Latim	—Reitor	Reitor
Grego	—D. Virgínia	Santos

Francês	—	Gaspar (1)
Inglês	— D. Conceição	— {D. Conceição — (D. Assunção (Sec.))
Alemão	— D. Conceição	J. Matos
História	— Assis	Assis
Filosofia	— J. Bento	J. Bento
Geografia	—	Patrício
C. Naturais	— Orlando	Orlando
C. Fís. Químicas	— D. Lurdes	Euclides
Matemática	— Carneiro	Carneiro
Desenho	— D. Aurélia	D. Aurélia
Organização	— {J. Bento — Assis	J. Bento
Rel. e Moral	— {D. Ondina — Rebimbas	— {D. Ondina — Rebimbas
Educ. Física	— {D. Albertina — P. Ferreira	— {D. Albertina — (P. Ferreira

*Continuo das turmas* — Peixinho.

4 — *Os horários.* — A distribuição dos tempos lectivos fez-se, como nos anos anteriores, de acordo com o Art.º 351.º do Estatuto, isto é, em dois períodos de três tempos cada, o primeiro com começo às 9 horas e o segundo às 14.

5 — *Funcionamento das aulas e sessões.* — Deviam ter-se realizado durante o ano 19.455 aulas [7.512 no 1.º ciclo, 7.590 no 2.º e 4.358 no 3.º]. Tendo-se realizado 18.364, deixaram de se realizar 1.091 [424 no 1.º ciclo, 422 no 2.º e 245 no 3.º], por doença, por nojo e por motivo de serviço oficial dos professores. No entanto, pode considerar-se boa a assiduidade dos professores, que não excedeu 1,1%. A dos alunos, em geral, não obstante as faltas dadas sem motivo justificado, foi regular.

6 — *A disciplina.* — Durante o ano foram castigados doze alunos (1.º ano — 1; 2.º — 2; 3.º — 2; 4.º — 3; 6.º — 2; 7.º — 2), com penalidades que oscilaram entre um e oito dias de suspensão.

#### 7 — *Reunião dos conselhos:*

##### a) — *Conselho escolar:*

(1) Substituído, a partir do dia 17 de Maio, pela professora eventual do 2.º grupo, D. Alice Virgínia dos Santos.

3-X-953 — Eleição de professores para o desempenho das funções de Juiz Adjunto da Tutoria Comarcã de Aveiro e seu substituto; escolha de livros para o ano lectivo de 1953-1954; coordenação do ensino.

b) — *Conselho disciplinar*:

3-X-953 — Marcação dos dias e horas em que os directores do ciclo e seus delegados recebem os encarregados da educação dos alunos. Coordenação do ensino.

10-X-953 — Aplicação de penalidade a um aluno do 7.º ano.

27-X-953 — Aplicação de penalidade a um aluno do 4.º ano.

29-X-953 — Aplicação de penalidade a um aluno do 7.º ano.

18 XI-953 — Relevação de faltas a uma aluna do 7.º ano.

26 XI-953 — Aplicação de penalidade a um aluno do 4.º ano.

17-XII-953 — Marcação dos dias e horas das reuniões de apuramento da frequência do 1.º período escolar.

21-XII-953 — Relevação de faltas a um aluno do 7.º ano.

6-I-954 — Troca de impressões acerca do aproveitamento dos alunos no primeiro período escolar.

16-I-954 — Relevação de faltas a uma aluna do 2.º ano; aplicação de penalidade a uma aluna do 1.º ano.

3-II-954 — Relevação de faltas a uma aluna do 7.º ano.

5-II-954 — Aplicação de penalidade a um aluno do 6.º ano; troca de impressões sobre a maneira de reprimir o hábito, manifestado por bastantes alunos, de faltarem às aulas por motivo de preparação para exercícios escritos.

6-II-954 — Aplicação de penalidade a um aluuo do 2.º ano.

16 II-954 — Aplicação de penalidade a um aluno do 4.º ano e a outro do 6.º.

3-III-954 — Relevação de faltas a um aluno do 6.º ano.

- 4-III-954 — Aplicação de penalidade a um aluno do 3.º ano.
- 18-III-954 — Relevação de faltas a uma aluna do 1.º ano e aplicação de penalidade a um aluno do 3.º ano.
- 24-III-954 — Relevação de faltas a um aluno do 2.º e a outro do 3.º.
- 5-IV-954 — Marcação dos dias e horas destinadas às reuniões de apuramento de frequência do 2.º período escolar.
- 9-IV-954 — Relevação de faltas a um aluno do 3.º ano e a outro do 6.º.
- 24-IV-954 — Troca de impressões acerca do aproveitamento dos alunos no 2.º período escolar.
- 28-IV-954 — Aprovação de um plano de excursão da Mocidade Portuguesa; relevação de faltas a uma aluna e a um aluno do 3.º ano; aplicação de penalidade a um aluno do 2.º.
- 13-V-944 — Relevação de faltas a um aluno do 7.º ano.
- 25-V-954 — Relevação de faltas a uma aluna do 3.º ano.
- 4-IV-954 — Relevação de faltas a um aluno do 5.º ano.
- 12-VI-954 — Marcação dos dias e horas para as reuniões do apuramento final da frequência; relevação de faltas a um aluno do 1.º ano.
- 15-VI-954 — Relevação de faltas a um aluno do 3.º ano e a outro do 4.º.
- c) — *Conselhos de ciclo* :
- 1.º ciclo
- 28-X-954 — Marcação dos dias de exercícios, regulamento do Liceu e coordenação do ensino.
- 27-XI-953 — Recolha de informações a fornecer aos encarregados da educação e coordenação do ensino.

19-XII-953 — Aproveitamento e comportamento dos alunos durante o primeiro período.

28-I-954 — Apreciação do rendimento do ensino no primeiro período.

26-II-954 — Recolha de informações sobre aproveitamento e comportamento dos alunos; coordenação do ensino.

31-III-954 — Idem, idem.

7-IV-954 — Apuramento do aproveitamento e comportamento dos alunos no 2.º período escolar.

31-V-954 — Informação sobre aproveitamento dos alunos e troca de impressões sobre o cumprimento dos programas.

16-VI-954 — Apuramento final da frequência.

### 2.º ciclo

29-X-953 — Marcação de dias para exercícios.

27-XI-953 — Marcha e coordenação do ensino.

21-XII-953 — Faltas, comportamento e aproveitamento dos alunos.

28-I-954 — Marcha e coordenação do ensino; resultados do 1.º período.

26-II-954 — Comportamento e aproveitamento.

31-III-954 — Coordenação do ensino.

8-IV-954 — Faltas, aproveitamento e comportamento dos alunos no 2.º período.

31-V-954 — Aproveitamento.

18-VI-954 — Aproveitamento final da frequência.

### 3.º ciclo

31-X-953 — Marcação dos dias para exercícios escritos.

22-XII-953 — Apuramento relativo ao 1.º período escolar.

29-I-954 — Troca de impressões de carácter pedagógico.

31-III-954 — Idem.

9-IV-954 — Apuramento relativo ao 2.º período.

1-VI-954 — Troca de impressões de carácter pedagógico.

18-VI-954 — Apuramento final; cumprimento dos programas.

8 — *Cumprimento dos programas.* — No primeiro e segundo ciclo, deram-se todos os programas. No terceiro ciclo, houve as seguintes deficiências, motivadas por falta de tempo: **6.º ano** — *Latim* — Deram-se poucos trechos do *De Bello Gallico*; *História* — Não se deu a parte do programa desde "*Características culturais...*" até o fim — **7.º ano** — *Latim* — Deram-se poucos trechos de Plínio e de Séneca, e nenhum do poeta Horácio. — *História* — Não pôde ser dada a parte do programa desde "*Cultura filosófica e científica...*" até o fim.

9 — *Coordenação do ensino.* — As disciplinas entregues a professores diferentes em turmas paralelas foram as do 1.º ano; *Português, Francês e Desenho* do 2.º; *Português, Francês, História e Geografia* do 3.º; e *Francês e Desenho* do 4.º. A coordenação fez-se pelo entendimento entre os respectivos professores, muito fácil.

## 10 — Os exames:

### a) — *Constituição dos júris:*

#### 1.º ciclo (2.º ano)

##### Provas escritas

<i>Português</i>	— Santos
<i>Francês</i>	— D. Lilás
<i>Ciências</i>	— Patrício
<i>Matemática</i>	— Carneiro (Pres.)
<i>Desenho</i>	— Rocha

##### Provas orais

#### 1.º Júri

D. Virgínia
D. Assunção
D. Clarisse
Rocha (Pres.)

#### 2.º Júri

Serra (Pres.)
D. Lilás
D. Clarisse
D. Marta

## 2.º ciclo (5.º ano)

## Provas escritas

<i>Português</i>	—Serra
<i>Francês</i>	—D. Maria Luísa
<i>Inglês</i>	—J. Matos ( <i>Pres.</i> )
<i>História</i>	—J. Bento

<i>Geografia</i>	—D. Clarisse
<i>C. Naturais</i>	—Orlando ( <i>Pres.</i> )
<i>C. F.-Quím.</i>	—Euclides
<i>Matemática</i>	—F. Neves
<i>Desenho</i>	{D. Marta —(D. Maria Vieira

## Provas orais

## 1.º Júri

Santos
D. Dorinda
D. Conceição
Assis ( <i>Pres.</i> )

## 2.º Júri

Saraiva
D. Maria Luísa
J. Matos ( <i>Pres.</i> )
Bento

Patrício	Patrício
A. Matos	Orlando
Euclides ( <i>Pres.</i> )	D. Lurdes
Carneiro	F. Neves ( <i>Pres.</i> )

## 3.º ciclo (7.º ano)

## Provas escritas

<i>Português</i>	{ Reitor Saraiva Patrício
<i>Latim</i>	
<i>Grego</i>	
<i>Francês</i>	{ Reitor D. Dorinda Patrício
<i>Inglês</i>	{ Reitor J. Matos Patrício
<i>Alemão</i>	{ Reitor D. Assunção Patrício
<i>História</i>	{ Reitor Bento Patrício
<i>Filosofia</i>	{ Reitor D. Virginia Patrício
<i>Geografia</i>	{ Reitor D. Clarisse Patrício
<i>C. Naturais</i>	{ Reitor A. Matos Patrício
<i>Fis.-Quím.</i>	{ Reitor D. Lurdes Patrício

## Provas orais

<i>Português</i>	{ Serra (Port.) Saraiva (Lat.) D. Virginia
<i>Latim</i>	
<i>Grego</i>	
<i>Filosofia</i>	{ Bento (Fil.) Santos (Grego) D. Virginia
<i>Francês</i>	{ Bento (O. P. A.) D. Dorinda (Fr) Patrício (Geogr.)
<i>O. P. A.</i>	
<i>Geografia</i>	
<i>História</i>	{ Assis (Hist.) D. Conceição (Ing.) D. Assunção
<i>Matemática</i>	{ J. Matos (Al.) Carn. da Silva (Mat.) P.e Rebimbas
<i>C. Naturais</i>	{ D. Aurélia Orlando D. Maria Vieira
<i>Fis.-Quím.</i>	{ D. Ondina Euclides P.e Rebimbas
<i>Desenho</i>	{ D. Maria Vieira D. Aurélia Saraiva de Carvalho

## Provas escritas

<i>Matemática</i>	Reitor
	Rocha Patrício
<i>O. P. A.</i>	Reitor
	Assis Patrício
<i>Desenho</i>	Reitor
	Rocha Patrício

## Exames de transição

2.º ano

<i>Português</i>	—D. Dorinda
<i>Francês</i>	— »
<i>C. G. Nat.</i>	—S. Matos
<i>Matemática</i>	—D. Marta
<i>Desenho</i>	—D. Mar'a

3.º ano

<i>Português</i>	—D. Dorinda
<i>Francês</i>	— »
<i>Inglês</i>	—D. Assunção
<i>História</i>	—Assis Maia
<i>Geografia</i>	—Patrício
<i>C. Naturais</i>	—A. Matos
<i>Fis. Quim.</i>	—D. Lurdes
<i>Matemática</i>	—D. Marta
<i>Desenho</i>	—D. Marta

## bibliA

## Exames singulares

<i>Português</i> (2.º ano)	D. Dorinda, D. Lilás
<i>Francês</i> (2.º ano)	D. Conceição

Houve este ano seis recursos: de Português do 3.º ciclo, e de Português, Francês, Inglês e História (2 recursos) do 2.º ciclo. Somente foi atendido o primeiro.

## Exames de admissão

Provas escritas (Art. 266.º do Estatuto) — *Presidente* — Reitor; *Vogais* — Saraiva (Ditado), Assis (Redacção), Carneiro da Silva (Aritmética), D. Aurélia (Desenho).

Provas orais (Art. 267.º) — *Júris*: Rocha, *Presidente* (Arit.), D. Lilás (Port.), J. Bento (História); Carneiro da Silva, *Presidente* (Arit.), Patrício (Hist.), D. Dorinda (Port.); Assis, *Presidente* (História), Saraiva (Port.), D. Marta (Arit.); Orlando, *Presidente* (Arit.), D. Maria Luísa (Port.), D. Virgínia (Hist.); D. Lurdes, *Presidente* (Arit.), Santos (Port.), D. Clarisse (Hist.).

**Resultados destes exames:**

Dos 367 examinandos, faltaram 3 à prova escrita, foram excluídos da prova oral 14; faltaram à prova oral 11; foram eliminados na oral 51; foram admitidos 283.

Percentagem de aprovações — 81,5 %

de reprovações — 18,3 %

**11 — Rendimento do ensino (disciplinas eliminatórias):****a) — Em quantidade:**

As percentagens de alunos aprovados por média ou em exames foram as seguintes:

**1.º ciclo****1.º ano:**

Turma A—87,1; T. B.—81,2; T. C.—86,2; T. D.—96,7. Na totalidade—87,7 %.

**2.º ano:**

Turma A—95,8; T. B.—86,9; T. C.—87,1; T. D.—80,7. Em conjunto—87,1 %.

**2.º ciclo****3.º ano:**

Turma A—80; T. B.—65; T. C.—75. Na totalidade—73,1 %.

**4.º ano:**

Turma A—70; T. B.—68,5; T. C.—83,3. Na totalidade—70,6 %.

**5.º ano:**

Turma A—86,4; T. B.—78,1. Em conjunto—82,2 %.

**3.º ciclo****6.º ano:**

Português—87,5; Latim—93,8; Grego—100; Inglês—80; Alemão—92,3; História—100; Filosofia—80; C. Naturais—81,8; C. Fis.-Químicas—67,7; Matemática—81,8; Desenho—87,5; Organização—95,7.

**7.º ano:**

Português—81,3; Latim—75; Grego—100; Francês—60; Inglês—80; Alemão—83; História—100; Filosofia—75; Geografia—100; C. Naturais—89,7; C. Fis.-Químicas—94; Matemática—87; Desenho—88,6; Organização—96,4.

A relativa baixa percentagem de aprovações nas turmas masculinas do 3.º, 4.º e 5.º ano e em certas disciplinas dos Cursos Complementares explica-se, em parte, pela circunstância da saída de filiados da Mocidade Portuguesa para competições desportivas fora da cidade. Seria de toda a conveniência que tal não voltasse a acontecer: é sabido que os alunos deslocados para tais competições não preparam quaisquer trabalhos para o dia em que se ausentam, nem para o dia imediato.

b) — *Em qualidade:*

Obtiveram notas superiores a 9 valores, em todas as disciplinas e períodos, apenas 110 alunos (22 no 1.º ano, 18 no 2.º, 21 no 3.º, 12 no 4.º, 10 no 5.º, 12 no 6.º e 15 no 7.º).

Transitaram por média ou foram aprovados em exame com notas entre 15 e 19 valores:

Com 15: 1.º ano—1; 2.º—6; 3.º—1; 4.º—2; 5.º—3; 7.º—5;

Com 16: 2.º ano—11; 5.º—6; 7.º—2;

Com 17: 2.º ano—4; 5.º—2; 7.º—4;

Com 18: 1 aluno do 7.º ano;

Com 19: 1 aluno do 7.º ano.

D — As instalações

1 — *Enumeração das instalações com director privativo:* Biblioteca, Física e Química, Ciências Naturais, Geografia, Desenho e Trabalhos Manuais.

2 — *Biblioteca.* — Foi director o professor efectivo do 1.º grupo Pedro Serra e auxiliar o contínuo João Baptista Moreira.

*Requisições para leitura na biblioteca* — 2.954 (1.º ano—597; 2.º—990; 3.º—761; 4.º—140; 5.º—204; 6.º—61; 7.º—171).

*Requisições para leitura doméstica* — 637 (4.º ano—17; 5.º—29; 6.º—196; 7.º—395).

Total de requisições — 3.591. (No ano anterior—3312).

Livros entrados — 246 (85 por compra, 161 oferecidos).

Despesa com livros em 1953-1954 — 3.134\$30.

### 3 — Outras instalações:

a) — Física — Foi director deste gabinete o professor efectivo do 7.º grupo Euclides Simões de Araújo, e empregado auxiliar o contínuo Domingos Ferreira.

#### Despesas:

*Aquisições:* — (1 seringa de 5 c. c., 6 picnómetros, 1 proveta de 10 c. c., 1 pilha seca Tudor e vários ingredientes) — 227\$80.

*Reparação de material:* — (Cromagem de 8 craveiras e 3 palmers; concerto de 2 bombas; concerto de um electrodo de zinco — 244\$50). Total — 472\$30.

#### Aulas práticas realizadas:

6.º ano — (D. Maria de Lurdes) —: 1.º turno — 22; 2.º turno — 21;

7.º ano — (Euclides de Araújo) —: 1.º turno — 17; 2.º turno — 15

#### Aulas teórico-práticas, realizadas no anfiteatro:

3.º A — (Euclides) — 38;

3.º B — (D. Maria de Lurdes) — 42;

3.º C — (D. Maria de Lurdes) — 45.

4.º A — (Euclides) — 21;

4.º B — " " — 24;

4.º C — " " — 18.

5.º A — (D. Maria de Lurdes) — 32;

5.º B — " " " " — 35;

7.º Ano (Euclides) — 1.

b) — Química — Foi directora deste gabinete a professora efectiva do 7.º grupo, D. Maria de Lurdes Cardoso Gomes e empregado auxiliar o contínuo Acácio da Costa Agostinho.

#### Aquisições:

Reagentes — 888\$50

Material — 1.260\$20      2.148\$70

**Material inutilizado:** — 400\$00.

**Aulas práticas:**

6.º ano (D. Maria de Lurdes)—1.º turno—7; 2.º t.—9.  
7.º ano (Euclides)—1.º turno—13; 2.º turno—15.

**Aulas teórico-práticas:**

1.º A (A. Matos)—6; 1.º A (D. Marta)—2;  
1.º B (F. Neves)—1; 1.º B (A. Matos)—7;  
1.º C (F. Neves)—1; 1.º C (A. Matos)—3;  
1.º D (F. Neves)—1; 1.º D (D. Clarisse)—12.  
2.º A (D. Clarisse)—5; 2.º B (idem)—5; 2.º C (idem)—  
5; 2.º D (idem)—5.  
3.º A (Euclides)—9; 3.º B (D. Lurdes)—10; 3.º C (idem)  
—11.  
4.º A (Euclides)—11; 4.º B (idem)—11; 4.º C (idem)  
—13.  
5.º A (D. Lurdes)—18; 5.º B (idem)—19.  
6.º ano (D. Lurdes)—1.  
7.º (Euclides)—2.

c) — **Clências Naturals** — Foi director o professor agregado do 6.º grupo, Américo da Silva Matos e empregado auxiliar o contínuo Francisco de Moraes Gamelas.

d) — **Geografia** — Foi director o professor efectivo do 5.º grupo Amílcar Patrício e empregado auxiliar o contínuo João Maria Pereira Júnior.

Este gabinete foi este ano enriquecido com as seguintes espécies, oferecidas pelo antigo aluno Dr. António do Nascimento Leitão:

Mapa — Arquipélago de Sonda-Mar de Timor;

Mapa — Europa e Próximo-Oriente;

Mapa — Macau e Ilhas Adjacentes — Planta do novo porto de Macau;

Quadro parietal (encaixilhado) — Catarata do Niagara;  
Idem, idem (mais pequeno);

Cataratas do Niagara (guia e comentário);

Obras do Porto de Macau;

Idem, idem;

Mapa corográfico de Macau e regiões circunvizinhas;

Mapa — Península de Macau e Ilha da Taipa;

- Macao — The Portuguese Colony in China (opúsculo);  
 Fases das obras do porto de Macau;  
 Macao harbour;  
 Carta comparativa dos traçados dos caminhos de ferro  
 (Kowtoon—Cantão e Macau—Cantão);  
 Planta de Macau com o esboço do novo porto;  
 Mapa da China com as suas dezoito províncias;  
 Guia manual para localizar o centro de um tufão no  
 mar da China;  
 Carta n.º 1 — Porto e barra de Aveiro (projecto de  
 melhoramentos);  
 Carta n.º 2 — Planta hidrográfica da ria de Aveiro e  
 Rio Novo do Príncipe;  
 Carta n.º 3 — Planta hidrográfica da barra e porto da  
 ria de Aveiro.(1)

e) — **Desenho e trabalhos manuais** — Foi directora a professora efectiva do 9.º grupo D. Maria Aurélia de Andrade Saraiva de Carvalho e empregado auxiliar o contínuo João dos Santos Peixinho.

## E — Obras circum-escolares

1 — *Associações escolares.* — Os bens da antiga «Associação Escolar do Liceu de José Estêvão» pertencem actualmente ao Centro da Mocidade Portuguesa, segundo o disposto no Dec. n.º 32.324, de 31 de Agosto de 1942.

2 — *Assistência Escolar.* — Os subsídios concedidos pelo Estado e pelos Centros da Mocidade Portuguesa foram :

Isenção de propinas	47.015\$00
Bolsas de estudo (5)	15.000\$00
Mocidade Portuguesa (prop.)	543\$00
Moc. Port. Feminina (prop.)	270\$00

## 3 — Prémios

a) — Prémio do «Governador Civil Nicolau Anastácio de Betencourt» (300\$00), a cargo do Banco Regional de

(1) Pelo mesmo Senhor foram oferecidos à biblioteca quatro livros de carácter geográfico.

Aveiro, atribuído à aluna do 5.º ano Maria Manuela Tavares Barreto, a quem tocou a melhor frequência desse ano.

b) — Prémio do «Dr. Santos Reis» (112\$50), concedido ao aluno do 7.º ano, André Luís Ala dos Reis.

c) — Prémio da «Sociedade dos Antigos Alunos do Liceu de Aveiro» (100\$00), concedido ao mesmo aluno, por ter obtido a melhor classificação na disciplina de Português;

d) — Prémio «João Carlos» (500\$00), a cargo do Sr. Pedro Grangeon Ribeiro Lopes, concedido ao mesmo aluno, por haver conquistado o melhor aproveitamento entre os alunos;

e) — Prémio «Dr. Armando da Cunha Azevedo» (300\$00), instituído pela Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Berta Rocha Martins da Cunha Azevedo, atribuído a José Alberto Salgueiro Carneiro da Silva, a quem coube a melhor classificação na disciplina de Matemática.

Estes prémios foram entregues no final da sessão da abertura das aulas de 1954-1955, em 1 de Outubro de 1954.

4 — *Salas de estudo.* — Não houve.

5 — *Aprendizagens úteis, fora do plano de estudos.* — Não houve.

6 — *Cantina.* — Foi director da cantina o professor efectivo do 5.º grupo Amílcar Patrício.

O número de almoços fornecidos durante o ano foi de 21.843 (19.343 pagos, 2.500 gratuitos a filiados pobres.

<i>Receita</i>		<i>Despesa</i>	
Refeitório . . . . .	96.806\$00	Refeitório . . . . .	92.233\$40
Papelaria . . . . .	34.669\$00	Papelaria . . . . .	20.796\$00
Bufete . . . . .	19.356\$30	Bufete . . . . .	14.826\$20
	150.831\$30	Móv. e Utensílios . . . . .	13.030\$90
Saldo do ano anterior	3.097\$20	Despesas diversas . . . . .	10.756\$30
	153.928\$50		151.642\$80
	Saldo para 1954-1955 —		2.285\$70

7 — *Sessões culturais.* — O Liceu deu este ano a seguinte colaboração à «Semana do Ultramar Português»: no dia 8 de Maio, o professor efectivo do 5.º grupo Amíl-

car Patrício falou aos alunos do 6.º e 7.º ano, no ginásio do Liceu, sobre — *Significado da acção colonialista dos Portugueses* —; de 3 a 7 de Maio, houve nas turmas do 1.º ao 5.º ano lições sobre a acção colonizadora de Portugal, com referência especial a Angola, por professores de Português ou Geografia: Patrício (3.º B, 3.º C, 4.º A, 4.º B, 4.º C, 5.º A, 5.º B); D. Clarisse (3.º A); Serra (2.º A, B, e C); D. Dorinda (2.º D); D. Virgínia (1.º A e B); D. Lilás (1.º C e D).

8 — *Cinema escolar.* — No dia 6 de Março de 1954 (sábado), pelas 14 h. 30 m., realizou-se no ginásio do Liceu uma notável sessão de cinema cultural, gentilmente oferecida pelo Consulado Americano do Porto, constante dos seguintes filmes: *S. Francisco, portão do Pacífico; História de Tanglewood* (musical); *O corpo humano; Revista da Europa, n.º 5; Escola rural; Revista Cine.*

No dia 24 de Março de 1954 (4.ª feira), oferecida pelos «Padres Brancos», realizou-se pelas 14 h. 30 m., no ginásio do Liceu, uma sessão cultural com os seguintes filmes: *A volta dos grandes lagos; Safari* (imprevistos da actividade missionária nos sertões africanos); e *Pesca falhada.*

No dia 24 de Abril (sábado), oferecida pelo Consulado Americano do Porto, nova e sugestiva sessão, composta dos filmes: 1) — *As aves não conhecem fronteiras*; 2) — *No mundo do som*; 3) — *José Iturbí* (musical); 4) — *A malária*; 5) — *Carta dum estudante americano*; 6) — *Revista cinematográfica n.º 47.*

9 — *Excursões e visitas de estudo.* — As excursões deste ano foram: a) — *De fillados da Mocidade Portuguesa* do 2.º e 3.º ciclo, nos dias 1 e 2 de Maio de 1954 (sábado e domingo), sob a direcção dos professores José de Azevedo Matos e Américo da Silva Matos, com o seguinte itinerário: Aveiro, Coimbra, Penacova, Tondela, Viseu, S. Pedro do Sul, Vouzela, Braçal, Albergaria-a-Velha, Aveiro. Objectivos culturais: *Em Coimbra*, visita à Universidade, Jardim Botânico, igreja de Santa Cruz, Quinta das Lágrimas; *em Penacova*, livraria do Mondego; *em Tondela*, monumento aos Mortos da Grande Guerra; *em Viseu*, museu de Grão Vasco e Parque do Fontelo; *em S. Pedro do Sul*, termas; *no Braçal*, minas. — b) — *De filladas da Mocidade Portuguesa Feminina*, no dia 8 de Maio (sábado), sob a

direcção da professora D. Dorinda Agualusa, directora do Centro, com o itinerário de Aveiro, Braga, Citânia de Breteiros, Guimarães, Aveiro e os seguintes objectivos: *em Braga*, Sé, biblioteca, Escola Normal, estádio de 28 de Maio, Bom Jesus, Sarreiro, Citânis; *em Guimarães*, castelo, museu, Penha.

10 — *Exposições escolares*. — No final da Sessão Camoniana, em 9 de Junho, esteve patente ao público, na sala da biblioteca, uma exposição de Trabalhos Manuais, desenhos, herbários, monografias de geografia, e Lavoros Femininos, organizada pelos professores D. Aurélia, D. Marta, D. Maria Vieira, António Rocha, Amílcar Patrício e D. Maria Furtado.

11 — *Comemorações e festas escolares*:

a) — *Abertura das aulas*. — A sessão de abertura das aulas realizou-se no dia 1 de Outubro, pelas 10 horas, no ginásio do Liceu. Presidiu o Reitor, secretariado pelo representante do presidente da Câmara (Dr. Domingos Vicente Ferreira), pelo Coronel Gaspar Ferreira, pelo Capitão do Porto de Aveiro (Com. Carreira) e pelo Vice-Reitor do Seminário (Padre Anibal Ramos). O Reitor, tomando a palavra, fez as habituais recomendações aos alunos e a seus pais e encarregados da educação, apresentou os resultados da frequência do ano lectivo anterior; proclamou os nomes de todos os alunos distintos e dos classificados com 15 valores, quer em exame quer em anos de passagem por média e, no final, entregou os prémios que o Liceu anualmente confere a certos alunos distintos. A esta sessão dignou-se assistir S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Arcebispo-Bispo de Aveiro (D. João Evangelista de Lima Vidal).

b) — *Récita de despedida dos alunos do 7.º ano*, no dia 8 de Abril de 1954, no Teatro Aveirense, em cuja organização colaboraram os professores António Marques da Rocha, D. Olíde Nunes, D. Albertina Chaves Martins e João Lé.

**Programa**: I — Algumas palavras de apresentação do presidente da Academia André Luís Ala dos Reis; II — Representação do arranjo cénico do prof. José Tavares — *Figuras Vicentinas* —, com os seguintes intérpretes: *Verdade* — Maria do Rosário A. Gamelas; *Villão* — António dos

Santos Frias; *Lavrador* — Manuel Gomes Neves; *Anjo* — Esmeralda Valente Rodrigues; *Diabo* — Fernando Luís Pires Claro; *Preguçoso* — Diamantino Dias; *Licenciado* — Rui Varela Rodrigues; *Velha* — Ilda da Conceição Neves; *Isabel* — Maria José Teles Ferreira; *Fidalgo* — Carlos Alberto Seíça Neves; *Ourives* — Carlos Manuel Vidal; *Almoceve* (Paio Vaz) — Vítor Sampaio Faustino; *Pajem* — António Carlos Rocha. III — Representação da peça em um acto, de Chagas Roquete — *A Sonata* —, interpretada pelos alunos Henrique Augusto Cordeiro (*João Fernandes*), Armando Manuel Neves Matos (*Jorge Fernandes*), Diamantino Dias (*Conde de Azinhais*), Vítor Sampaio Faustino (*Dr. Samuel de Castro*), Raul Duarte Mira (*1.º enfermeiro*) e José Mendes Loureiro (*2.º enfermeiro*). IV — *Acto de Variedades*, em que alunos e alunas exhibiram os seguintes bailados: dança japonesa, dança húngara, Fandango Minhoto, bailado dos arcos e Pauliteiros de Miranda. Foi ponto o aluno Gabriel Serpa Magalhães; foram contra-regras os alunos Armando Matos e Rui Varela Rodrigues. Ensaiou as peças o antigo aluno do Liceu José Duarte Simão, prof. de Instrução Primária, sempre devotado colaborador das festas escolares.

c) — *Sessão Camoniana*. — Realizou-se no ginásio do Liceu, pelas 15 horas do dia 9 de Junho, esta tradicional sessão de homenagem à memória de Camões. Presidiu o Secretário-Geral do Governo Civil (Dr. António Rato), secretariado pelo representante do Comando Militar (Major Costa Moreira), Comandante da Legião Portuguesa (Coronel Diamantino do Amaral), Director da Escola Industrial e Comercial (Dr. Amadeu Cachim) e Reitor. Em lugar de honra, S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>mas</sup> o Arcebispo-Bispo de Aveiro (D. João Evangelista de Lima Vidal).

Falou em primeiro lugar o Reitor, cumprimentando a assistência e mostrando aos educandos qual o significado cívico e patriótico da cerimónia. Em seguida e sob a regência do prof. de Canto Coral João das Neves Lé, entoaram várias canções o orfeão-maior e o orfeão-menor, entre as quais duas com letra de Camões. Terminada esta parte, a professora agregada do 2.º grupo, D. Maria Luísa Cura Mariano, falou sobre — *O sugestivo da descrição camoniana* (1) —, durante a qual disseram versos de Camões os

(1) Este trabalho vai adiante integralmente reproduzido em *Apêndice*.

alunos *Teresa Amorim* (2.º ano) («Na fonte está Leonor»), *Maria da Graça Amorim* (3.º ano) («Descalça vai para a fonte»), *Maria do Amparo Carvalho* (6.º ano) (episódio da «formosíssima Maria»), *André Ala dos Reis* (7.º ano) («As Nereidas»), *Maria Helena Amorim* (6.º ano) («A tempestade») e *Maria Aldina Frias* (5.º ano) (Soneto — «A formosura desta fresca serra»).

Depois de o Presidente encerrar a sessão, juntaram-se os dois orfeões, que, acompanhados ao piano pelo professor António Rocha e a órgão pela professora de Canto Coral D. Olide Nunes, entoaram com a assistência, sob a regência do professor João Lé, o hino nacional. Ao falar, antes da sessão, tivera o Reitor palavras de apreço para os dois professores de Canto Coral, prestes a serem colocados no Porto, e à professora D. Olide Nunes foi oferecido no final, pelas suas alunas, um ramo de flores.

12 — *Participações em comemorações educativas.* — Nas cerimónias de comemoração do 1.º de Dezembro, a cargo da Mocidade Portuguesa.

13 — *Jogos escolares.* — Veja-se o n.º 15 a) deste capítulo.

14 — *Outras actividades de carácter circum-escolar:*

*Uma hora Inglesa* —, organizada pela professora agregada do 3.º grupo D. Maria da Conceição Costa e Sousa, com a colaboração do prof. efectivo do mesmo grupo José de Azevedo Matos, da professora agregada D. Assunção e dos professores de Canto Coral D. Olide Nunes e João das Neves Lé, e realizada no ginásio do Liceu, *na tarde de 3 de Abril de 1954*, com o seguinte programa:

I — Orfeão — *God save de Queen; When Johnny comes marching home; Good King Wenceslas; Annie Laurie.*

II — Diálogos: 1) — *Let's go to the Rialto*, by M. M. Teixeira de Oliveira, dito pelas alunas do 5.º ano Maria Manuela Tavares Barreto e Nicole Mommens; 2) — *Weather*, by M. M. Teixeira de Oliveira, dito pela aluna do 6.º ano Helena Amorim e pela aluna do 5.º ano, Aldina Frias.

III — *A Question of Ethics, a play by R. U. Joyce*, representado por André Ala dos Reis (7.º ano) (*Mr. Snaith, a Solicitor*); Eneida Regalado de Oliveira (6.º ano) (*Mrs.*

*Brownlow*); Vítor Silva (5.º ano) (*Mr. Brownlow, a solicitor's clerk*). Ponto: Maria Domingues (7.º ano).

#### IV — *Recitativos*:

- To a Flower* — Maria Estudante (5.º ano).  
 "Alma minha gentil" — English version, by A. Southey — Maria do Amparo Carvalho (6.º).  
*Speak gently* — Maria Odete Morais (5.º).  
*The Hunter's Song* — Joaquim Macedo Loureiro (5.º).  
*The Boy and the Bird* — António de Oliveira (4.º).  
*Little Robin* — João Carlos David Vieira (3.º).  
*What I love* — Maria Dedília Miranda (4.º).  
*What baby says* — Maria da Graça Góis (4.º).  
*Father Christmas* — Maria Madalena Cunha (4.º).  
*The Song of Cherries* — Maria Bárbara Santos (4.º).  
*A Psalm of Life* — Maria Fernanda Filipe (5.º).  
*The Baby* — Fernando da Luz Ruano (3.º).

#### V — *A Strike* — a short play, by Eckersley.

Intérpretes: Eduardo Ferraz (5.º) (*Mr. Postle*); Aldina Frias (5.º) (*Mrs. Postle*); *Radio announcer* — Nicole Elizabeth Mommens (5.º).

Ponto: Maria Manuela Tavares Barreto (5.º).

#### VI — *Orfeão* — *Shenandoah*.

VII — *Choice of Trade*, poema declamado pelos alunos do 5.º ano: Artur Oliveira, Vasco Fialho, Carlos Correia, Manuel Ribeiro de Lima, Manuel Carlos Oliveira, Carlos Fitorra, com fundo musical de Artur Seixas (5.º).

VIII — *Riddles and conundrums* — por André Ala dos Reis (7.º).

#### IX — *Orfeão* — *God save the Queen*.

15 — *Mocidade Portuguesa*. — Foi director do Centro o prof. auxiliar do 1.º grupo Alfredo dos Santos.

A receita foi de Esc. 10.655\$50 e a despesa de Esc. 9.335\$50. Saldo para 1954-1955: Esc. 1.320\$00.

*Fundo disponível* *Saldo*

Receita — 2.733\$10

Despesa — 2.404\$70

328\$40

*Fundo de excursões*

Receita — 4.253\$20

Despesa — 3.576\$00

677\$20

*Fundo de camaradagem*

Receita — 3.669\$20

Despesa — 3.354\$80

314\$70

Obra de solidariedade: propinas — 543\$00; almoços (2.737\$50); livros (74\$30).

«Actividades da iniciativa da Subdelegação, com a colaboração do Centro: — Realização dum ciclo de palestras educativas na Casa da Mocidade Portuguesa para filiados. Fizeram palestras os alunos Américo Ramalho sobre «Cultura Popular» e Armando Matos «Como fazer um jornal de parede».

O Director do Centro fez uma palestra de inauguração sobre «O General João de Almeida e a sua lição de patriotismo no Ultramar».

—Organização duma exposição de jornais de parede na Casa da Mocidade Portuguesa com o concurso dos Centros da Ala, cuja colaboração literária e artística foi classificada por júri constituído.

—Organização da peregrinação a Fátima nos dias 8 e 9 de Maio para celebração do Ano Mariano, em que tomaram parte cerca de duzentos filiados.

—Realização duma sessão solene na «Semana do Ultramar», no Grémio do Comércio, de colaboração com a L. P. e I. N. T. P.

—Cumprimento da desobriga pascal do Centro, na Sé Catedral, com assistência do Sr. Arcebispo-Bispo. A saída de S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> os filiados fizeram-lhe uma manifestação de simpatia.

—Publicação dos jornais de parede «Em Frente» e «Clarim» da secção cultural e «Amigos do Centro».

O Centro tomou parte na prova de graduados em Coimbra; na prova de aptidão de vanguardistas em Coimbra; no concurso nacional de hipismo em Santarém; no Torneio anual de remo em Viana do Castelo; na peregrinação da M. P. a Santiago de Compostela.

— Tomou parte nos campeonatos regionais de voleibol, basquetebol, andebol de sete, ténis de mesa e óquei em patins.

— Foram louvados em ordem de serviço da Delegação sete filiados e o Director do Centro.

— Realização da festa do Natal, com dádivas em géneros para os pobres». (1)

b) — *Mocidade Portuguesa Feminina*. — Foi directora do Centro a prof. agregada do 2.º grupo D. Dorinda Fernandes Rainha Agualusa.

A receita do Centro foi de Esc. 17.032\$30.

A despesa foi de 11.592\$00 (Assistência — 2.397\$50; visitas — 4.028\$70; expediente — 5.165\$80).

Saldo para 1954-1955 — 5.440\$30.

*Obra de solidariedade:*

Propinas — 270\$00; almoços — 2.127\$50; empréstimo de livros; berços (9) — 315\$00.

*Actividades do Centro:*

*Festa de 8 de Dezembro de 1953* («Dia da Mãe»): missa solene na igreja da Misericórdia, cantada por filiadas, com comunhão geral; e exposição de berços, à tarde, no Liceu.

*Romagem* à capela de Nossa Senhora de Fátima, da Gafanha e representação do «*Auto da Medianeira*», de Miguel Trigueiros, integradas nas comemorações do Ano Mariano.

16 — *Associação de cooperação com o Liceu*. — A acção de cooperação com o Liceu da parte da «Sociedade dos Antigos Alunos do Liceu de Aveiro» cifrou-se este ano no custeamento das despesas com a composição e impressão do anuário-relatório do Reitor, relativo a 1953-1954, como desde 1940-1941 vem fazendo, de acordo com as finalidades para que foi criada.

(1) Há ainda a citar a festa das comemorações do 1.º de Dezembro, constante das cerimónias dos demais anos, a qual terminou com uma *tarde desportiva* no campo de jogos do Liceu (basquetebol, voleibol e provas de atletismo entre filiados de vários Centros).

F — **Higiene e Saúde Escolar**  
 Prestou serviço o médico escolar Adérito Jaime Mendes Madeira.

*Doenças infecto-contagiosas verificadas:*

Gripe	70
Pneumonia	1
Bronco-pneumonia	2
Escarlatina	2
Tuberculose pulmonar	1
Varicela	3
Sarampo	4
Trasorelho	3
Meningite	1
Rubéola	3

Dias perdidos por alunos com parte de doença — 1.097.

Número de consultas — 804.

" de tratamentos — 1.350.

**G — Administração Escolar**

O Conselho Administrativo de 1953 foi constituído pelo Vice-Reitor, António Fernando Marques da Rocha (*Presidente*), pelo secretário do Liceu, Francisco de Assis Ferreira da Maia, e pelo director de ciclo José Carneiro da Silva.

O débito e o crédito foram os seguintes:

a) — Débito

**Saldo da gerência anterior:**

De descontos em vencimentos . . . . .	151\$50	
Juros de certificado de renda perpétua	112\$60	264\$10

**Doações do Orçamento Geral do Estado:***Para Pessoal:*

Cap. 4.º — Art.º 696.º — 1	1.169.590\$60	
696.º — 2	337.491\$80	
Cap. 8.º — Art.º 892.º	22.420\$00	1.529.501\$40

*Para Material:*

Cap. 4.º — Art.º 699.º — 1	15.800\$00	
700.º — 1 a)	9.500\$00	
700.º — 2	3.500\$00	
701.º — 1	3.500\$00	
701.º — 2	9.000\$00	41.300\$00

**Para Pagamento de Serviços e Diversos Encargos:**

Cap. 4.º — Art.º 702.º — 1	400\$00	
702.º — 2	25.000\$00	
703.º — 1	270\$00	
703.º — 2	1.134\$00	
705.º — 1	269\$20	
706.º — 1 a)	8.700\$00	
706.º — 2 a)	50\$00	35.823\$20

**Importâncias recebidas para entrega ao Estado ou outras Entidades:**

Receitas próprias (certificado de renda perpétua . . . . .)	112\$60	
Descontos em vencimentos . . . . .	94.144\$20	
Receitas do Estado . . . . .	477.203\$00	
Outras importâncias . . . . .	1.485\$60	572.955\$40
<b>Total . . . . .</b>		<b>2.179.845\$10</b>

## b) — Crédito :

## Despesas orçamentais :

## Com o Pessoal :

Cap. 4.º — Art.º 696.º — 1	1.169.590\$60	
696.º — 2	337.491\$80	
8.º — 892.º	22.420\$00	1.529.502\$40

## Com o Material

Cap. 4.º — Art.º 699.º — 1	15.000\$00	
700.º — 1 — a	9.500\$00	
700.º — 2	3.500\$00	
701.º — 1	3.500\$00	
701.º — 2	9.000\$00	41.300\$00

## Com pagamento de serviços e diversos encargos :

Cap. 4.º — Art.º 702.º — 1	400\$00	
702.º — 2	25.000\$00	
703.º — 1	270\$00	
703.º — 2	1.134\$00	
705.º — 1	269\$20	
705.º — 1	8.700\$00	
706.º — 1 — a)	50\$00	35.823\$20
706.º — 2 — a)		

## Importâncias entregues ao Estado ou outras entidades :

## Descontos em vencimentos :

Receitas do Estado da gerência anterior e da presente gerência . . . . .	10.722\$20	
Operações de Tesouraria . . . . .	83.573\$50	94.295\$70
Receitas do Estado cobradas directamente . . . . .	473.541\$00	
Idem, gratificações por trabalhos práticos . . . . .	3.672\$00	477.213\$00
Reposições de diversos professores . . . . .		1.485\$60
Receitas próprias (prêmios) . . . . .		225\$20

2.179.845\$10

## H — Parte Final

Todos os meus colaboradores se esforçaram por cumprir o melhor possível os serviços a seu cargo.

Liceu Nacional de Aveiro, 31 de Outubro de 1954.

## Apêndice

A Bem da Nação

O REITOR,

TRABALHOS DE José Pereira Tavares

bibRIA

O sugestivo da descrição camoniana  
—pela professora do 2.º grupo D. Maria  
Teresa Serra, Curs. Maria (1)

Trabalho de interpretação da descrição da descrição camoniana. Trabalho de interpretação da descrição camoniana. Trabalho de interpretação da descrição camoniana.

Estamos plenamente de acordo com o que se tem dito até à data no que respeita ao descritivo naturalista, à pintura do rosto transuntando emocionalmente a harmonia, grandiosidade ou beleza de um quadro, de uma paisagem ou de um rosto feminino.

Mas, tendo mergulhado atenta e apaixonadamente na poesia lírica e épica camoniana, surpreendemo-nos passados que tinham para nós o valor do poético e é esse o motivo por que falamos de sugestividade. Não estamos a falar aqui ou aqui ou aqui, seja procurando fazer admirar a beleza da mulher amada e levar à compreensão dos sentimentos que lhe inspirou, seja dando um cenário a determinado facto ou a determinado momento psicológico. Camões, mediante uma simples palavra ou uma oportuna comparação, consegue dar-nos sugestivamente o que pretende.

Por isso mesmo, George Le Gentil, professor laureado da Sorbonne, que de onze vezes várias vezes se ocupou e que ainda há pouco tempo nos estudeiros do ver para uma visão global do nosso épico, ao notar que Camões «se soude mouir de parole par le sonnet», acrescenta humildemente que «non le surprions, ignorants de et là, en train de camper une silhouette, d'esquisser un tableau». Teremos ocasião de ver que quer a silhueta, quer esse quadricênico são sempre a imagem final de uma palavra ou de um gesto de espírito comunicativo entre o leitor e o Poeta. Esta é a grande força dos poemas que o levam à vivência dos poemas.

# Apêndice

## TRABALHOS DE PROFESSORES

O sugestivo da descrição camoniana  
—pela professora do 2.º grupo D. Maria  
Luísa Sereno Cura Mariano (1)

Iremos falar nesta singela palestra do «*Sugestivo da descrição camoniana*». Demos-lhe um cabeçalho algo melindroso, porquanto tem-se indicado com certa insistência a escassez do pictórico em Camões.

Estamos plenamente de acordo com o que se tem dito até à data no que respeita ao descritivo naturalista, à pintura do real traduzindo emocionalmente a harmonia, grandiosidade ou beleza de um quadro, de uma paisagem ou de um rosto feminino.

Mas, tendo mergulhado atentamente na poesia lírica e épica camoniana, surpreendemos passos que tinham para nós o valor do pormenor e é esse o motivo por que falámos de sugestividade. Seja tentando relatar esta ou aquela cena, seja procurando fazer admirar a beleza da mulher amada e levar à compreensão dos sentimentos que lhe inspirou, seja dando um cenário a determinado facto ou a determinado momento psicológico, Camões, mediante uma simples palavra ou uma oportuna comparação, consegue dar-nos sugestivamente o que pretende.

Por isso mesmo, Georges Le Gentil, professor honorário da Sorbonne, que de coisas nossas várias vezes se ocupou e que ainda há pouco legou aos estudiosos do seu país uma visão global do nosso épico, ao notar que Camões «se soucie moins de peindre que de raconter», acrescenta imediatamente que «non le surprenons, toutefois, ça et là, en train de camper une silhouette, d'esquisser un tableautin.» Teremos ocasião de ver que quer a silhueta, quer esse quadrozinho vão surgindo milagrosamente reais perante nós, como criação de um estado de espírito comunicativo entre o leitor e o Poeta. Este consegue dar àquele esboços que o levarão à vivência das coisas.

(1) Conferência pronunciada, no ginásio do Liceu, em 9 de Junho de 1954.

São meros adjectivos, simples comparações, breves imagens que, na sua singeleza, no seu apontamento rápido, possuem um mundo de valores descritivos que têm conseguido inspirar artistas, desde o ilustrador anónimo da célebre tradução de Duperron de Castera, saída em 1735, até Columbano, Carlos e Soares dos Reis. Com um ou dois epítetos, sentimos a cor, o som e o movimento. Com uma comparação, torna-se-nos concreto, visível, palpável este ou aquele sentimento, este ou aquele aspecto moral, esta ou aquela atitude.

Não afirmamos, contudo, que Camões possua a técnica dos pintores realistas que, duramente, revelam a fealdade ou beleza das coisas, sem se preocuparem com o que as transcende, nem tão-pouco os poderemos enquadrar no nebuloso dos românticos com imprecisões, vaguidades e tons indeterminados. Camões é, fora de dúvida, um homem do Renascimento, e seria loucura tirá-lo da sua época, onde tão bem se situa pela cultura, pelos processos estéticos, pelo amor ao equilíbrio e claridade.

Pinta, habitualmente, com um só traço nítido, vincado, significativo. Todo o trabalho de adorno, de construção mais completa, pertence ao leitor que, nessa empresa, não encontra dificuldades, pelos elementos que o Poeta lhe fornece. Do qualificativo, do quadro que nos foi mostrado para conduzir ao complexo de uma ou outra situação psicológica, vai-se formando com precisão e colorido, no espírito de quem lê, o que o Poeta deseja representar, conseguindo assim dar plasticidade ao abstracto. Para melhor concretizar o ciúme, leva-nos à visão de um triste inverno «desgrenhado e crespo», e o estado de incerteza amorosa do Agrário da égloga sétima vem-nos da comparação com a corrida da novilha, de fraga em fraga, em busca do companheiro.

Na tentativa de dar uma ideia da beleza corpórea das mulheres que o impressionaram, poderemos encontrar a mesma orientação a ligar o aspecto físico com o valor moral. Se algumas das suas descrições são de um convencionalismo afilitivo com prodigalidade de gemas e tesouros, outras impressionam-nos pela delicadeza e expressividade do traçado.

Até aí, na poesia dos Cancioneiros, a mulher perpassava como de fugida, deixando somente pressentir o seu bom parecer ou o corpo degado, graças estas que levavam o cantor inspirado dos poemas a designar a donzela como a «fremosinha» ou «a bem talhada». Depois, com a imaginação petrarquista, a poesia amorosa foi-se enriquecendo com novas exigências e passou a adornar-se de determinadas características, as quais tendiam sempre a mostrar a superioridade moral da mulher, sendo o rosto um espelho dessa perfeição interior.

A esta constante serve Camões, como não poderia deixar de suceder ao admirador entusiasta de Petrarca, de tal forma que, nos sonetos 123 e 37, lá está o amálgama de rubis, rosas, neve e ouro. Rubis para a boca, rosas a tingir a face, ouro a colorir os cabelos, neve a deslumbrar no peito e sol nos olhos a iluminar tanta riqueza. Da expressão da amada terá que indicar, como o seu mestre, o rosto sereno e o doce riso a entreabrir-se entre «rubis e perlas» e a deixar o leitor ciente da doçura e sublimidade de carácter da possuidora de tão rica face. E, quando os metais e as pedras preciosas são insuficientes como recursos vivos, recorre o nosso Poeta ao mundo vegetal e de lá colhe cecéns, rosas e cravos que espalha pelo rosto querido, de tal forma que, julgando-a uma primavera, os próprios elementos dela se namoram.

Também o gosto amaneirado de quinhentos, que tece uma brincadeira rendilhada, onde ora se nega ora se afirma, onde ora se louva ora se despreza, está bem presente nas redondilhas. Se uns malfadados olhos verdes tentam Camões, canta-os ele num madrigal, aproveitando-lhes a

esmeraldina luz para iluminar o rosto que lhe prende o coração e consigne um esboço que, embora dado em linhas gerais, nos traz imediatamente ao espírito o retrato feminino que deseja pintar. Experimenta, porém, escurecer o ponto nevrálgico do seu amor, mediante uma oposição aos encantos físicos já descritos, restrição essa que, a jeito dos poetas do Cancioneiro Geral, vem tocar o retrato esboçado de um sabor estranho que mais realça os olhos maravilhosos.

Se, nestes dois aspectos, é mais ou menos fácil a quem se deleita na poesia camoniana imaginar a dona dos pensamentos do Poeta, outras poesias há onde esse trabalho de construção é mais requintado, devido à luz que as nimba, mais ténue e delicada, mas muitíssimo mais expressiva. São indicações morais a esboçar por reflexão a doçura dos traços físicos, como, por exemplo, no soneto «Um mover de olhos brando e piedoso». Aí, o emprego de artigos indefinidos («Um mover de olhos», «um riso brando e honesto», «um despejo», «um encolhido ousar», «um medo sem ter culpa», «um ar sereno» etc... etc... etc...) dá, nas suas meias tintas, qualquer coisa de vago e de misterioso ao rosto da mulher oriental que teria seduzido Camões. A expressão esplende um rosto sereno e aparentemente impassível, reflectido num olhar estranho que, sob a notação de «sem ver de quê», contém a impenetrabilidade illusória, característica da mulher exótica que parece buscar para além das coisas uma luz ou um mistério que se esconde aos olhos dos mais. Também o «riso brando e honesto», com o apontamento de «quase forçado», exprime melhor que longas descrições a prega dolorosa indicativa de meditação interior e receptividade de amarguras e, a completar o desenho, anima-se este de uma desenvoltura «quieta e vergonhosa» que afasta qualquer sombra de garridice e que, através do antitético «encolhido ousar», vai revelando em todos os seus gestos simplicidade e submissão.

Esta beleza que provém da alma e se reflete no rosto é dada com um traçado idêntico em «aquela cativa» que, já pelo retrato que se vai formando, já pelo próprio ritmo da redondilha menor, nos pinta a estranha sedução da mulher de clima tropical. Morena, nascida noutras paragens, a sua formosura é exaltada mediante comparações com rosas e estrelas.

Depois do deslumbramento do conjunto e da ideia de beleza dada como comprovada, sucede-se a tentativa do pormenor, difícil de ser levado a cabo, porquanto a jovem possui um encanto esquisito, vindo mais da singularidade da expressão do que das formas plásticas e cujo segredo reside nos olhos, que têm a tranquilidade das águas mortas, a resignação dos seres condenados à escravidão, o calor dos corações fiéis e o místico dos longes orientais, sendo-nos todas estas qualidades reveladas por meio de adjectivos expressivos como *sossegados*, *cansados*, *doce e serena*. Da descrição, imaginamos o poder de uma tal presença, que, pela doçura do carácter, pelo temperamento quieto, pela suave maneira de ser, exerce influência em tudo o que a rodeia, amansando a tormenta e dando tranquilidade e segurança ao coração que a ama. Esta doçura, aparentemente inerte, é, porém, cheia de uma consciência de si mesma, capaz de sentir voluptuosamente o amor e de enfeitá-lo.

É esta qualidade de fazer surgir, de levantar perante nós um quadro, uma figura ou uma paisagem que dá um cunho especial à poesia de Camões. Como a cativa, também a «fermosíssima Maria» surge, por assim dizer, do nada, mas tão bem delineada, tão sugestiva nos seus traços breves, que quase a preferimos na sua passagem rápida e como que visionada a uma demora mais com pormenor que, possivelmente, lhe tiraria muito da sua beleza. Cheia de suavidade, vai avançando com um ar de desventura que lhe dá um não sei quê de angelical:

•*Entrava a fermosíssima Maria  
Polos paternais paços sublimados,  
Lindo o gesto, mas fora de alegria,  
E seus olhos em lágrimas banhados.  
Os cabelos angélicos trazia  
Pelos ebúrneos ombros espalhados.  
Diante do pai ledo, que a agasalha,  
Estas palavras tais, chorando, espalha :*

•*Quantos povos a terra produziu  
De Africa toda, gente fera e estranha,  
O grão Rei de Marrocos conduziu  
Pera vir possuir a nobre Espanha.  
Poder tamanho junto não se viu,  
Depois que o salso mar a terra banha;  
Trazem ferocidade e furor tanto,  
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.*

*Aquele que me deste por marido,  
Por defender sua terra amedrontada,  
Co pequeno poder, oferecido  
Ao duro golpe está da brava espada.  
E, se não for contigo socorrido,  
Ver-me-ás dele e do Reino ser privada;  
Viúva e triste e posta em vida escura,  
Sem marido, sem Reino e sem ventura.*

*Portanto, ó Rei, de quem com puro medo  
O corrente Muluca se congela,  
Rompe toda a tardança, acude cedo  
A miseranda gente de Castela.  
Se esse gesto, que mostras claro e ledo,  
De pai o verdadeiro amor assela,  
Acude e corre, pai, que, se não corres,  
Pode ser que não aches quem socorres.»*

Começa por nos chamar a atenção o superlativo absoluto simples do adjectivo («fermosíssima») a exprimir com uma só pincelada o valor físico e moral de Maria.

Não é, porém, um retrato hirto, sem vibração. Maria surge lentamente, com um andar de sílfide, de acordo com a sua figura delicada, provindo esse movimento apenas do verbo empregado no tempo imperfeito e do complemento circunstancial a indicar de uma forma rápida o local da acção :

•*Entrava a fermosíssima Maria  
Polos paternais paços sublimados»...*

Com o mesino deleite poderemos demorar os olhos na trilogia que nos mostra Leonor como «isenta, amante ou coitada.» A bem-talhada dos Cancioneiros é agora uma verdadeira aguarela de tonalidades frescas e doces. Ela lá vai para a fonte, descalça, formosa e, por isso mesmo, sujeita às tentações do amor :

•*Descalça vai para a fonte  
Leonor pela verdura :  
Vai fermosa, e não segura...*

*Leva na cabeça o pote,  
O testó nas mãos de prata,  
Cinta de fina escarlata,  
Sainho de chamalote.  
Traz a vasquinha de cote  
Mais branca que a neve pura;  
Vai fermosa, e não segura.*

*Descobre a touca a garganta;  
Cabelos de ouro estraçado,  
Fita de cor de encarnado,  
Tão linda, que o mundo espanta.  
Chove nela graça tanta,  
Que dá graça à fermosura :  
Vai fermosa e não segura.»*

O presente do indicativo do verbo *tr* («Descalça vai para a fonte») torna a acção real, não completada, imprimindo movimento ao quadro. O pote vai à cabeça e o testó nas mãos. Desce um pouco o olhar do Poeta e prende-se ao sainho de chamalote e à vasquinha de todos os dias. A dar realce à saia de grandes pregas em torno do corpo, lá está «a cinta de fina escarlata» e, a colorir o quadro, já de si curioso, há a mancha encarnada da fita a prender os cabelos. Após o traço pinturesco, vem a sugestão da bela tricana de mãos e rosto vencendo na sua alvinência a brancura da própria neve e com os cabelos loiros, brilhantes, apertados em tranças.

Todo o retrato possui colorido e minúcia, deixando, no entanto, adivinhar o que de essencial diz respeito a Leonor. Esse trabalho perence-nos a nós que a vemos formosa e ingénua, avançando por entre uma chuva de graças, plena de insegurança, aliás justificada pela mortificação psicológica desta outra poesia :

*«Na fonte está Leonor,  
Lavando a talha e chorando.  
As amigas perguntando :  
— Vistes lá o meu amor ?*

*Posto o pensamento nele,  
Porque a tudo Amor obriga,  
Cantava; mas a cantiga  
Eram suspiros por ele.  
Nisto estava Leonor  
O seu desejo enganando,  
As amigas perguntando :  
— Vistes lá o meu amor ?*

*O rosto sobre uma mão;  
Os olhos no chão pregados,  
Que, de chorar já cansados,  
Algum descanso lhe dão...  
Desta sorte Leonor  
Suspende de quando em quando  
Sua dor; e em si tornando  
Mais pesada sente a dor.*

*Não deita dos olhos água,  
Que não quer que a dor se abrande  
Amor; porque em mágoa grande  
Seca as lágrimas a mágoa.  
Depois que de seu amor  
Soube novas perguntando,  
De improviso a vi chorando.  
Olhai que extremos de dor!*

Já na fonte, Leonor lava a talha, mas a insegurança de há pouco foi vencida pela dor. Tal como a donzela das cantigas de amigo, sente a inquietação afogueá-la e, perturbada, procura obter uma informação que a tranquilize e lhe traga boas notícias do seu amor. Para enganar o tormento, tenta uma canção molhada e, a pouco e pouco, a aguarela torna-se mais rica, aliando à delicadeza do contorno o interesse psicológico.

A talha foi abandonada e esquecida a sua lavagem, e a coitada para ali fica, inerte exteriormente, com o rosto apoiado numa das mãos, numa atitude de cansaço, a traduzir um estado de alma doloroso. Com os olhos no chão pregados, enxutos por não terem mais lágrimas para chorar, ela para ali ficou perturbada, sem ter consciência do que a rodeia. É todo o drama lírico, toda a coita nos vem desta atitude de esquecimento e da ansiedade da pergunta que a pobre duas vezes lança, à maneira de refrão.

Temos visto que, para cada tipo de mulher, o recorte camoniano ganha um motivo especial que vinca esta ou aquela expressão e que tenta, sobretudo, através de uma atitude, de um olhar ou de um sorriso, sugerir sentimentos.

Vénus, por ser diferente da feiticeira china, da singela «fermosinha» ou da palaciana dama, é-nos descrita com tonalidades que tendem, principalmente, a impressionar Júpiter e o leitor pelo aspecto físico, cujas formas foram ditadas pelo «homem de carne e sentidos» que Camões se reconhece. A forma plástica da deusa como que brilha nas estâncias que a descrevem, pondo-nos sob os olhos uma interpretação do quadro de Botticelli.

Alva como a neve, o corpo ligeiramente ocultado por «delgado cendal», num movimento ondulado, é bem uma deusa pagã, de contornos sensuais, que provoca exaltação nas estrelas, no ar e no próprio céu.

Foi outro o pincel utilizado, mais rico de cor, mais afiado para os contornos, mais preocupado com o aspecto plástico da figura mitológica, de tal forma tentadora, que obrigou à sua sujeição artistas de todas as categorias, desde o ilustrador Desenne até ao pintor Oscar Begas, autor dos quadros da galeria de Dresde.

Nasce também da magistral paleta de Camões a criação que mais tarde ocupou a arte de escritores nossos, num indício nítido da audácia marítima dos portugueses. À imaginação popular, que semeava os mares de lendas e monstros, foi o Poeta inspirar-se para a sua figura-símbolo, para esse Adamastor, síntese de todas as fantasias, corporização de todas as fatalidades físicas.

Como cenário, o tombadilho de um barco, o mar e o colóquio descuidado dos nautas, interrompido por uma nuvem negra que apareceu de súbito e que os obriga a erguerem as cabeças surpreendidas. Essa nuvem concretiza-se numa enorme personagem e, gradualmente, vai-se animando o retrato, para carregar a expressão horrorosa do início, agrava-da agora pelo retrocer da boca e dos olhos negros. Não se esquece o Poeta do cenário e, voltando os olhos para baixo, serve-se, num processo indirecto, do temor sentido pelos nautas perante a medonha visão, para adensar o colorido da mesma:

«*Não acabava, quando hãa figura  
Se nos mostra, no ar, robusta e vãlida,  
De disforme e grandissima estatara,  
O rosto carregado, a barba esquãlida,  
Os olhos encovados, e a postura  
Medonha e mã e a cor terrena e pãlida;  
Cheios de terra e crespos os cabelos,  
A boca negra, os dentes amarelos.*

*Tãõ grande era de membros, que bem posso  
Certificar-te que este era segundo  
De Rodes estranhissimo Colosso,  
Que um dos sete milagres foi do mundo.  
Cum tom de voz nos fala, horrendo e grosso,  
Que pareceu sair do mar profundo,  
Arrepiam se as carnes e o cabelo,  
A mim e a todos, sò de ouvi-lo e vê-lo!»*

Vai-se modificando este aspecto, sob evocação do drama amoroso cujo sofrimento lhe quebra a arrogãncia e o torna sensível e perturbado como qualquer ser humano, a um ponto tal que a voz horrenda do começo acaba por se transformar num «medonho choro», numa agonia, que levou o ilustrador da tradução de La Harpe a colocá-lo, vencido, gemendo, entre os rochedos:

**b** *Oh! Que não sei de nojo como o contê!  
Que, crendo ter nos braços quem amava,  
Abraçado me achei cum duro monte  
De áspero mato e de espessura brava.  
Estando cum penedo fronte a fronte,  
Que eu polo rosto angélico apertava,  
Nãõ fiquei homem, nãõ, mas mudo e quedo  
E, junto dum penedo, outro penedo!*

*Ó Ninfa, a mais fermosa do Oceano,  
Jã que a minha presença nãõ te agrada,  
Que te custava ter-me neste engano,  
Ou fosse monte, nuvem, sonho ou nada?  
Daqui me parto, irado e quase insano  
Da mágoa e da desonra ali passada,  
A buscar outro mundo, onde nãõ vis-e  
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.*

Desaparece tão ràpidamente como apareceu e, com ele, esvai-se a nuvem negra, novamente acompanhada, como no principio, de um «sonoro bramido» do mar, como se de um sonho se tratasse:

«*Assi contava; e, cum medonho choro,  
Súbito de ante os olhos se apartou.  
Desfez-se a nuvem negra, e cum sonoro  
Bramido muito longe o mar soou.*

A nuvem dá entrada ao mundo irreal e consolida o quadro, tunindo e justificando a transposição do guineense negrume com a sugestão do encontro de Ulisses com Polifemo.

Quanto à tentação enganadora a que a astuciosa Tétis o submete e ao desengano e vibração sentimental do Adamastor, após a sua sofregui-

dão amorosa, vemo-los como auxílio pictórico do perigo e fio de ligação do céu com a terra, pela transformação do infeliz apaixonado num promontório.

Da nuvem escura, fomos assistindo ao espectacular aparecimento de uma figura horrenda, apenas nascida de adjectivos, figura que se anima, se quebra e acaba por fluir com o desaparecimento da nuvem, como se esta constituisse uma cortina de teatro, que se abre para desvendar o tablado onde se joga o drama, encerrando-se no fim e trazendo os espectadores para o mundo real com os olhos e o espirito presos ao génio dramático e artístico que se lhes revelou. As mesmas qualidades vão continuar a manifestar-se em quadros singelos ou de conjunto, seja tentando patentear um estado de alma, por meio de uma imagem que se vai desenvolvendo paralela à ideia, seja no cultivo de constantes clássicas às quais imprime novo colorido, seja no tratamento de temas que, pela lenda e pelo cunho que apresentam, são bem portugueses.

O processo indirecto a que já nos temos referido pode ser encontrado, por exemplo, na écloga III, onde o Poeta põe a nu o tormento íntimo de um pastor e a sua imobilidade aparente, mediante a forma como reage perante o que o cerca. A Natureza, como mais adiante veremos, não apresenta características especiais e serve apenas os desígnios de Camões. Na sua meditação, tem o pastor a face encostada a uma das mãos, tal como Leonor, e deixa-se ficar esquecido, sem sequer ver que o sol já começa a mergulhar nas águas salgadas, que o gado está impaciente por regressar ao curral e que tudo se activa no sentido de retorno. Este adormecimento exterior continua até que o pio de um mocho o acorda do seu sonho. É uma cena serena, tranquila, com toques doces, quase esfumados, mas que não é menos expressiva do que se o Poeta se demorasse em longos portmenores e em esmiuçadas explicações de sentimentos.

Em assuntos mais delicados, a aguarela é mais graciosa, com requintes, por vezes, de colorido, como, por exemplo, no auxílio das Nereidas ou na visão rápida das mesmas na écloga VII. Ambas elas foram traçadas pela paleta de um renascentista, mas de um renascentista conhecedor da harmonia do colorido e da sugestividade do movimento.

Na écloga a que nos referimos, a luz é menos viva, porque a acção se passa de madrugada e a tonalidade que o Poeta passou pelo céu é roxa, de um roxo alegre, mas, ao mesmo tempo, frio. As belas ninfas correm pelos montes, deixando admirar os cabelos loiros, negligentemente soltos e entrançados e, chegando ao rio, banham-se descuidadas até que, surpreendidas, sugerem, na sua fuga desordenada, um maravilhoso quadro pagão.

No mar, deslumbra-nos o bando de belas ninfas, alvas e cerúleas, e parentes das tais «humanas rosas», correndo apressadas a ferver espuma com as «caudas argêntneas», através do vasto lençol de água que alcança animação com a pressa de Cloto, o salto de Nise, o arremesso de Nerine ou como reacção das próprias ondas, que, crespas e encurvadas (note-se o que há de sugestivo nestes dois epítetos), abrem caminho às Nereidas:

*«As âncoras tenaces vão levando,  
Com a náutica grita costumada;  
Da proa as velas sós ao vento dando,  
Inclinam para a barra abalizada.  
Mas a linda Ericina, que guardando  
Andava sempre a gente assinalada,  
Vendo a cilada grande e tão secreta,  
Voa do céu ao mar como hũa seta.*

*Convoca as alvas filhas de Nereu,  
Com toda a mais cerúlea companhia,  
Que, porque no salgado mar nasceu,  
Das águas o poder lhe obedecia.  
E, propondo-lhe a causa a que deceu,  
Com todas juntamente se partia,  
Pera estorvar que a armada não chegasse  
Aonde para sempre se acabasse.*

*Já na água erguendo vão, com grande pressa,  
Com as argêntas caudas, branca escuma:  
Cloto o peito corta e atravessa  
Com mais furor o mar do que costuma.  
Salta Nise, Nerine se arremessa,  
Por cima da água crespas, em força suma.  
Abrem caminho as ondas encurvadas,  
De temor das Nereidas apressadas.*

*Nos ombros de um Tritão, com gesto aceso,  
Val a linda Dione furiosa;  
Não sente quem a leva o doce peso,  
De soberbo com carga tão fermosa.  
Já chegam perto donde o vento teso  
Enche as velas da frota belicosa;  
Repartem-se e rodeiam nesse instante  
As naus ligeiras que iam por diante.*

*Põe-se a Deusa em direito  
Da proa capitaina, e ali fechando  
O caminho da barra, estão de jeito  
Que em vão assopra o vento, a vela inchando.  
Põe no madeiro duro o brando peito,  
Pera detrás a forte nau forçando;  
Outras em derredor levando-a estavam,  
E da barra inimiga a desviavam.*

Vênus impera sobre os ombros do seu Tritão, e, como o motivo que agita tais divindades é ingente, não se demorou o Poeta em longas descrições e acompanha a acção no seu andamento rápido, dando dela, contudo, o essencial. Impressionou-nos, sem dúvida, a parte final, quando o vento, continuando a soprar, enfunava as velas, torruando mais agitado o mar. E' então que, no escuro da nau capitaina, de encontro à sua madeira dura, Camões lança a mancha brilhante do «brando peito» de algumas donzelas que tentam, com graciosa fragilidade, desviar aquela da rota traiçoeira. Está agora em primeiro plano a nau de velas túmidas, sobre um mar agitado, tendo encostado ao casco escuro ombros alvinitentes que imergem deslumbrantemente das águas furiosas; cercando este conjunto maravilhoso, a presença das restantes ninfas prontas a prestar ajuda e a contribuirem para a beleza do quadro que vemos interpretado na água-forte de Thevenard, na gravura a buril de Monet ou nas paredes do Museu de Artilharia que Carlos Reis ornamentou.

Outra perfeita realização plástica, embora de cunho diverso, é o sonho de D. Manuel na segunda parte da noite, ocasião oportuna, segundo a lenda popular, que atribui aos sonhos nela realizados o carácter de verdadeiros. Deitado no «áureo leito», como Fragonard o viu e contrariamente à gravura de 1735, o rei dorme com um sono inquieto, devido às preocupações do seu cargo, permanecendo na maior parte das

vezes no estado de vigília. Trata-se de uma excelente interpretação do subconsciente, com veracidade e colorido. A paisagem que circunda o rei, intimamente relacionada com o sonho, não é específica desta ou daquela região, mas está pintada a traços impressionáveis e capazes de condizer com o assunto do sonho. O mesmo no que diz respeito aos dois rios.

Após as palavras do que de mais longe parecia ser, desaparece a visão com a mesma rapidez com que apareceu, e o rei, reconduzido ao leito, acorda quando amanhecia.

Todo o sonho está sugestivamente apresentado no que diz respeito à paisagem e à corporização dos rios e seu desaparecimento, revestindo-se essa descrição de tons imprecisos, ditados pelo subconsciente. O que nele há de nebuloso e de irreal vem-nos das meias tintas de todo o quadro e da visão e audição distante dos dois rios em relação ao rei, para já não falarmos no desaparecimento momentâneo dessas duas figuras.

E', porém, nas grandes telas, de numerosas figuras que se vão esbatendo e esfumando para darem melhor a ideia de multidão, é aí que a evocação artística nos prende.

Nesses largos painéis se demorou um pouco mais o pincel, a carregar as tintas, a dosear o matiz, a escurecer os tons, a colocar personagens em diversos planos, a detalhar de tal forma os gestos que todo o quadro se anima, alcançando realidade.

No episódio dos doze de Inglaterra que, como sabemos, se prende á voga do ciclo bretão, intensamente admirado entre nós desde o século XIII, poderemos surpreender estas mesmas características. Deveremos considerar, porém, dois planos. A um canto, os nautas semi-adormecidos, velando na coberta do navio, bocejando uns e protegendo-se outros do frio, encostados pelas antenas. No meio deles está Veloso, que, num ambiente de tranquilidade absoluta, na noite muda, vai contando uma história com tal ressonância, que a cena surge a ocupar todo o resto do quadro, como se fosse assistido pela marinhagem. Esta vai a pouco e pouco despertando com o armar de «elmos, grevas e arneses» dos cavaleiros que se vão bater por suas damas, garridamente enfeitadas de «cores e de sedas», «de ouro e de joias mil».

Segue-se a apresentação do pleito e pasma a marinhagem perante tanto ardor, vendo aqui um morto, ali um cavalo sem dono, mais adiante um cavaleiro derrubado do seu cavalo, até que a vitória cabe aos portugueses, satisfazendo, assim, os nautas já semi sono.

A mesma descrição de conjunto está patente, com características próprias, nos dois concílios e no banquete que Tétis e as ninfas oferecem aos navegadores. O palácio de Neptuno surge-nos situado num local muito afastado e impossível de determinar bem, mediante o emprego de expressões indefinidas, e todo o cenário acompanha esta irrealidade: areias de prata fina, altas torres transparentes ao longe, portas de ouro marchetadas com aljófar e sãbiamente esculpidas. O arauto Tritão, «mancebo grande, negro e feio», com a barba e os cabelos cheios de linhos e mexilhões e trazendo no corpo nu, pegados a si, camarões, caranguejos, e caramujos, anima a tela ao toque de um búzio, assemelhando-a ao concílio do céu.

Quer numa quer noutra, assistimos à vinda gradual dos deuses convocados, embora haja mais demora no esboço da aquática companhia. O primeiro concílio, contudo, é mais longamente descrito, com indicação do divino Júpiter, imponente na sua soberania, a tentar Columbano. Encerram-se os dois concílios a um sinal do respectivo deus e, perante nós, desaparece a cena do conto de fadas.

O mesmo ambiente de irrealidade anima o banquete a que acima nos referimos. Passa-se ao pôr do sol, quando cada marinheiro e sua dama estão sentados em cadeiras tão preciosas como as anteriores. À ca-

beceira, Tétis e o Gama a presidirem e, sobre a mesa, «divinas iguarias», pratos de ouro, copos lavrados com vinho de Falerno e ambrósia. Um pouco distante, uma pequena orquestra que acompanha a voz maravilhosa de uma sereia que leva os ventos ao silêncio para melhor a escutarem e a água a um deslize mais doce.

Estes três quadros (concílio do céu, do mar e banquete) são cheios de magia, passados num mundo de fantasmagoria, longe de nós e que, por isso mesmo, se vão delineando estranhos à nossa vida, com enriquecimento de materiais e esplendor de adornos.

Outro é o traçado quando nos narra a partida de Lisboa ou a chegada a qualquer paragem desconhecida. Há então manchas pictóricas pela praia, enquanto, no meio das águas, as naus ancoradas vão balançando num ritmo lento, suavemente impelidas pelos «ventos sossegados», com reflexo ondulado dos estandartes, no cimo dos mastros. Aqui, pinta-se a saída da marinhagem do templo, por entre a praia coalhada de gente, trazida pela curiosidade ou pelo amor, com manifestações dolorosas de «mães, esposas e irmãs», de tal forma espectacular que os próprios elementos se comovem com a amargura dos que ficam e com a saudade silenciosa dos que partem. Assiste-se ao embarque dos navegantes que, de cabeça baixa, não têm coragem para despedidas e, como se embarcássemos também, vai-se-nos esfumando o casario sobranceiro à praia do Restelo, para só abrangermos os «pátrios montes» da serra de Sintra que, desaparecendo, nos deixam isolados entre «mar e céu».

Ali, é a chegada da frota a Melinde, a Moçambique, à Angra de S. Brás ou ao rio dos Bons Sinais. Avistam-se os habitantes com banhos e festas de alegria, com homens de pano delgado de algodão a servir de turbante e mulheres entoando cantigas pastoris ao som de avenas.

Na chegada da armada a Melinde a recepção prendeu mais o olhar do artista, que, enamorado com o espectáculo, vai distribuindo pinceladas pela longa tela. É a frota embandeirada anunciando-se com atambores e pandeiros. É a correria dos indígenas pela praia, o estalar de foguetes, das descargas dos bombardeiros e do fogo preso, o barulho dos instrumentos musicais e a sugestiva «grita». Aquando da visita do rei à frota, diz-nos o Poeta que a praia *ferve* de gente e este verbo pinta-nos de um só traço o movimento e o aglomerado. As cabaias de fina púrpura, o brilho da seda e os ramos de palmeira lá estão a colorir o conjunto. Em direcção à armada, parte um batel grande e largo, coberto de sedas de várias cores, onde vai o rei, ricamente vestido, acompanhado dos principais do reino.

Não se dá Camões por satisfeito e continua a pincelar na larga tela. Ocupa-se agora da proa do batel e aí esboça um conjunto de «trombetas arcadas em redondo» que tocam uma música estranha e alegre «de áspero som, horrissono ao ouvido» dos portuguezes, habituados a que os seus instrumentos não produzam aquele «rudo estrondo». Volta-se depois o pincel para o lado oposto e começa a delinear o nosso Gama que, igualmente num batel, se mostra também ricamente paramentado, posto que de diversa maneira, como convinha à sua qualidade de europeu e de molde a espantar o mundo renascente com o encontro dessas duas civilizações: embaixada europeia recebida por um rei oriental.

Nos que acompanham o grande capitão predominam os fatos de púrpura e, porque o colorido é impressionante, o poeta dá descanso ao braço artista e fica encantado com o maravilhoso azulajo:

*«Tal o fermoso esmalte se notava  
Dos vestidos, olhados juntamente,  
Qual apparee o arco rutilante  
Da bela Ninfa, filha de Taumante».*

Apresentados os dois batéis opostos, com o mar que os cerca «coalhados» de mouros e de toldos a tocarem as águas, soam as trombetas de tal forma que

*«Tapam com as mãos os mouros os ouvidos».*

À naturalidade do gesto, segue-se a cerimónia de um primeiro encontro, dada com requintes de cortesia, até que a âncora do batel é lançada à água, para que o Gama possa iniciar a história maravilhosa do povo português.

A tela de Moçambique é já diferente, estando a pintura das naus feita com sobriedade, devido à distância a que são vistas. O mesmo sucede com os mouros e com o movimento de reacção das nossas naus e das deles.

Dentro delas, é uma lufa-lufa, transmitida de uma forma tão viva que a descrição adquire agora foros de reportagem. «Tomam-se as velas», amaina-se a verga alta e ancora-se, enquanto os mouros vão subindo alegremente pelas cordas. Na manhã seguinte, há a mesma cena de urbanidade já entrevista em Melinde.

Lá está a marinhogem pela «enxárcia», a olhar admirada os visitantes, naquele espanto parado, tão do nosso povo. À sua admiração desprevenida opõe-se a manha dos mouros, que tudo observam, detendo o olhar cobiçoso no desfile das armaduras, com arneses e «peitos reluzentes», «malhas finas», escudos variamente pintados nas espingardas, pelouros, chuços, bombas e painéis sulfúreas, numa sucessão singela só de quando em quando acompanhada de um adjectivo que pouco acrescenta e que revela a sobriedade do Gama ao patentear o seu armamento.

Segue-se a tração, passada em dois planos: no mar e na terra. Das naus, vê-se a praia e, com transporte da acção para o presente e com o auxílio de um verbo de movimento, sentimos a acção real, esperançosamente o desenlace. Com o costumado recurso da figura de setue-lhança, anima Camões os nossos de um ardor bélico. À sugestão do enamorado que, incitado pelo amor, se planta diante do touro e «salta, corre, sibila, acena e brada», enquanto o animal, de cabeça baixa, cego, o «derriba, fere e mata e põe por terra», vem-se juntar a visão da luta travada e da qual saem vencedores os portugueses.

Foi apenas um esboço da luta, onde, no entanto, já se podem surpreender as possibilidades de realização artística verificadas noutras lutas de «Os Lusíadas», impressionantes pelo movimento e colorido.

Nessas batalhas, tem por hábito o Poeta dar a desproporção das forças combatentes, sempre com minoria para os portugueses, notação esta que, na de Ourique, prepara o ambiente miraculoso e apresenta uma certidão da veracidade à lenda da visão de Cristo, de forma que o documento apócrifo descoberto nos arquivos do Convento de Alcobça em 1596 ganhe foros de verdadeiro e derrube a delação de Hercúano.

Antes, porém, da chegada ao campo, assistimos à ida das tropas dada com um movimento tão sugestivo, que vemos, na batalha do Salado, a gente armada a desfilar pelos campos de Évora e, na de Aljubarrota, o aspecto das ruas por onde o exército vai passando.

Como que se nos torna concreta essa marcha belicosa pelo colorido que possui. Na luta travada nas margens do Salado e vencida aos muçulmanos, vai Camões distribuindo manchas brilhantes do sol a «ilustrar o arnés», demora-se nos jaezes dos cavalos e chega às «trombetas embandeiradas», não esquecendo as armas fulgentes. Para imprimir mais

realismo, não se esquece de marcar bem a continuidade dos sons que, embatendo nos montes, se ampliam, retumbando «pelas concavidades».

Na luta que pôs fim ao conflito dinástico, o nosso pintor vai mais longe, não se limitando a ser o espectador ocioso que contempla com entusiasmo marcial os soldados, mas o narrador atento ao conjunto, que desvia os olhos das fardas para os deter nas pessoas que assistem ao desfile. Nessa observação, capta o estado das almas, o qual nos é revelado numa indicação apressada mas rica, onde pinta, em quatro simples versos, um mundo de sugestões :

*«Estavam pelos muros, lemerosas  
E de um alegre medo quase frias,  
Rezando, as mães, irmãs, damas e esposas,  
Prometendo jejuns e romarias».*

Na simples frase «estavam pelos muros», há um magote de rostos que, subindo às muralhas, tentam avistar quem lhes é querido. Depois, com a nota de que estavam «de um alegre medo quase frias», consegue tornar físicamente visível a complexidade de um estranho caso psicológico revelado pela palidez do rosto a traduzir sentimentos de temor e por um olhar de orgulho que encontra justificação no patriotismo da mulher portuguesa.

Passemos agora à acção guerreira. No fossado de Ourique, primeira surtida de portugueses para além Tejo, houve a intervenção sobrenatural, descrita com sobriedade, como convinha ao assunto. Ao sopro bélico que percorre a medula dos combatentes, segue-se o já familiar processo indirecto que, aqui, compara a vibração real do cão raivoso, tornando esta figura estilística mais visível o «estômago acendido» da nossa gente que corre de encontro ao exército inimigo, o qual toma arcos, setas e lanças, numa confusão horrível, com o som das tubas e o estrondo dos instrumentos de guerra.

Vem reforçar a surpresa do exército mourisco a comparação esboçada a um canto da tela, evocando pastores cujo sono é perturbado pelo estalido do mato a arder e que, surpreendidos e temerosos, só têm tempo para recolherem o que lhes pertence e fugirem. O paralelismo das duas imagens torna-se mais flagrante na estância seguinte, posto que os mouros não fujam, porquanto a sua força lhes promete uma superioridade que estão certos de obter. Por isso mesmo, ficam atordoados quando o inimigo lhes cai em cima e lhes dá combate sério.

Na batalha do Salado, a luta é relatada sob uma forma menos directiva, sem que nela possamos distinguir o espectáculo da derrota coloridamente apresentado ao jeito de reportagem com que nos deleitamos na de Ourique. E' verdade que o artifício retórico da perífrase vem perturbar essa visão directa, mas a enueração final dos verbos «rompe, corta, desfaz, abala e talha», todos de acção, imprime um extraordinário movimento à cena, pintando-nos com objectividade o entusiasmo e a energia dos nossos.

A de Aljubarrota, porque de duas hostes civilizadas se tratava, é desenhada de forma diversa. Há a mesma acumulação de sons e cores, com o início «horrendo, fero, ingente e temeroso» que, mediante a enueração qualificativa, nos penetra e nos faz sentir retrospectivamente o temor que não teria causado e que nós avaliamos pelas hipérboles que fazem recuar as águas ao Guadiana, procurar refúgio ao Tejo e exteriorizarem os guerreiros a reacção emotiva nos «rostos sem cor».

Na reportagem do tumulto vai passando perante os nossos olhos de espectadores o avarço, de início lento, das primeiras alas, sem que nunca se esqueça o Poeta de nós ter em contacto com o estado moral dos

combatentes. Tornam-se cada vez mais perigosos os reconftros, com multiplicidade de registos imitativos, mediante sibilantes a traduzirem o som das setas e farpas, até chegarmos a um quadro muito semelhante ao da batalha de Ourique. Vem depois, como informação da derrota, a mesma imagem dos rostos pálidos, sem vida, que jazem pelo campo tingido de sangue ou «as flores da própria cor mudadas» que aparecem nas outras batalhas.

Verificada a expressividade dos quadros de movimento, e já que nos ocupámos dos homens e das divindades, volvamos agora o olhar para o cenário e vejamos como Camões nos pinta o mar e a terra onde se passam as cenas que as nossas palavras evocaram.

O mar já era uma fonte de imaginação poética dos cancioneiros, surgindo como cenário a bater nos degraus da igreja de Vigo ou como confidente a quem a «fremosinha» frequentemente recorria para saber o que era feito do homem que lhe despertara ansiedades. N'«Os Lusíadas», como não podia deixar de ser, está bem presente em descrições rítmicas e em terminologia náutica.

A vida que Camões vai pintando a bordo, com informação de instrumentos utilizados, movimentação do cabrestante e acção de amarrar e alijamento ou tudo quanto se refere à técnica das naves da época, é ditada pela sua experiência de marinheiro esforçado e extraída da lembrança do que viu quando isolado do mundo, apenas entre água e céu.

Não esperemos encontrar, portanto, paisagens de além-mar, paisagens exóticas com características diferentes das que nos pintam os clássicos e semelhantes às da «Peregrinação». Mesmo no que respeita às paragens percorridas, não adianta mais do que os geógrafos da época. A única coisa em que é original é na pintura de fenómenos e acções, observadas do tombadilho do seu barco, como a tromba marítima, as tempestades ou a limpeza da carena.

Na descrição dos perigos marítimos, os seus olhos retêm o que viram e transmitem expressivamente ao leitor que, como se de um relatório científico se tratasse, não necessita de nada mais para ter perante si o que atormentou os nautas. Em traços rápidos, informa-nos desses perigos:

*«Súbitas trovoadas temerosas,  
Relâmpados que o ar em fogo acendem,  
Negros chuveiros, noites tenebrosas,  
Bramidos de trovões que o mundo fendem».*

Desce, depois, ao caso particular que vai pintando por observação directa como no-lo afirma com o «vi, claramente visto». As águas do mar, formando um cano, elevavam-se até às nuvens, parecendo desaparecer nelas, após o que, um vapor que o poeta diz ser um «subil fumo» se erguia no ar, arredondando-se sob a acção do vento. Dava a impressão de que um cano intermimo, feito da mesma matéria das nuvens, se elevava até ao céu e, gradualmente mais espesso, ia ondeando a acompanhar o ritmo das ondas. Tornado mais visível pela comparação com uma sanguessuga, assinala-lhe o Poeta o seu desprendimento do mar, mediante uma imagem concreta mas, por isso mesmo, sugestivamente pinturesca:

*«O pé que tem no mar a si recolhe»*

e, ao voar pelo céu, deixa cair gotas de água, agora sem sal.

Demorámo-nos nesta descrição pormenorizada, interessante e quase rigorosa. Cientificamente mesmo, so possui a inexactidão da chegada da água às nuvens, provocada pela superfície do cone nascida da rotação da tromba em espiral. Mas não deveremos ser tão severos e, muito

contrariamente, é nossa obrigação louvarmos este exagero de artista que amplia a imagem para a tornar mais nítida, não podendo nós considerar essa inexactidão como um erro dos sentidos ou do conhecimento, visto que a rectificação está feita quando nos afirma que a água que cai do céu é doce.

Da descrição de tempestades, a que presidiu a experiência colhida na sua viagem para a Índia, ao dobrar o Cabo, poderemos surpreender o mesmo artista, sugestivo pelo traçado rápido a animar o quadro, que já encontráramos em todos os domínios por onde fomos lançando um olhar e ficaremos impressionados quer na tempestade do canto VI, quer na da elegia «O poeta Simónides falando», com o realismo surpreendente da narração, onde não se esquece a vibração das cordas impelidas pelo vento a darem a sensação auditiva de um assobio ou a ondulação alтерна das vagas a sugerirem serras.

Como mais representativa, olhem a tempestade do poema :

*«Mas, neste passo, assi prontos estando,  
Eis o mestre, que olhando os ares anda,  
O apito toca: acordam, despertando,  
Os marinheiros de hũa e de outra banda.  
E, porque o vento vinha refrescando,  
Os traquetes das gáveas tomar manda.  
Alerta (disse) estai, que o vento crece  
Daquella nuvem negra que aparece».*

*Não eram os traquetes bem tomados,  
Quando dá a grande e súbita procela.  
«Amanina (disse o mestre a grandes brados),  
Amanina (disse), amoina a grande vela!  
Não esperam os ventos indinados  
Que amainassem, mas, juntos dando nela,  
Em pedaços a fazem cum ruído  
Que o mundo pareceu ser destruído!*

*O céu fere com gritos nisto a gente,  
Cum súbito temor e desacordo;  
Que, no romper da vela, a nau pendente  
Toma grão soma de água pelo bordo.  
•Alíja (disse o mestre rijamente)  
Alíja tudo ao mar, não falte acordo!  
Vão outros dar à bomba, não cessando!  
À bomba, que nos imos alagando!*

*Correm logo os soldados animosos  
A dar à bomba; e, tanto que chegaram,  
Os balanços, que os mares temerosos  
Deram à nau, num bordo os derribaram.  
Três marinheiros, duros e forçosos,  
A menear o leme não bastaram;  
Talhas lhe punham, de hũa e de outra parte,  
Sem aproveitar dos homens força e arte.*

A tornar mais impressionante o quadro posterior, vem a antítese da atitude descuidada da marinagem a escutar as histórias de Veloso, o qual é interrompido pelo sinal de alarme do mestre.

Cresce o burburinho nas naus e, por sobre o bramido do mar, vão ouvindo as ordens apressadas do chefe. Uns tomam os traquetes das gá-

veas, outros correm às manobras, enquanto o vento sopra mais rijamente ampliando a voz que indica as acções que se impõem. Despedaçam-se as velas, ouvem-se gritos e a nau inclina-se com o peso do mastro caído, a deixar entrar água pelo bordo.

Assistimos a um relato directo, cheio de dramatismo e animado ao máximo, com um vocabulário apropriado e pintado por um artista. No final, é a nau de Paulo da Gama que, tornada nítida pelo fulgor dos raios, se mostra quase alagada com um mastro quebrado pelo meio, vindo completar admiravelmente este «*récit authentique de naufrage conté par un témoin oculaire*».

Como exemplo de paisagem marítima temos a que inicia «Os Lusíadas» na estância 19, quando começa a narração. Todo o quadro prima pela delicadeza. Essa suavidade provém do emprego do gerúndio a prolongar lentamente a acção e do verbo *respirar* aplicado aos ventos, que, para intensificar essa *doçura*, se encontra acompanhado do advérbio *brandamente*.

As naus apartam «as inquietas ondas» e a tal suave respiração vai inchando as «velas côncavas» a desenharem a forma túmida dos traquetes que tantas vezes temos visto em gravuras da época e que, por terem as escotas pandas, deixam bem em evidência a cruz de Cristo.

A completar a serenidade da tela, cobre Camões os mares de espuma, havendo apenas a lamentar que a referência clássica ao «gado de Proteu» venha perturbar a simplicidade da descrição.

Olhemos finalmente para o pintor da terra e vejamos como sentiu ele a natureza. E' pena que o homem que Hernâni Cidade diz ser «um guloso de sensações» com os «sentidos todos abertos à festa pagã que lhe oferece a linda terra que canta» se tenha servido, na maior parte das vezes, da natureza apenas como meio expressional. No entanto, é já enorme a distância que vai da singeleza das Hores do «verde pino» ou da solitária «avelaneta florida» dos nossos Cancioneiros à paisagem camoniana.

Evidentemente que um leitor assíduo de Petrarca e dos clássicos teria de os seguir, com a mesma invocação às aves, ao sol, aos céus e ao vento e com o mesmo olhar aberto à claridade e equilíbrio das paisagens de um Virgílio ou de um Horácio. Teria de reproduzir o mesmo encantamento emocional, provocado pela presença da amada revelando a natureza uma anímica perturbação que obriga os ramos a justas homenagens à beleza que passa.

Não são, porém, pinturas frias e meramente copiadas. Dá-lhes Camões uma saborosa originalidade, distribuindo, aqui e ali, pinceladas de cor, com amplo contributo dos seus epítetos que, como diz Hernâni Cidade, são frequentemente sugeridores de sensações cromáticas, para já não falar nos que despertam sensações de som.

Anima o cerário clássico com a sua sensibilidade de tal forma que, no soneto «O céu, a terra, o vento sossegado», pinta, por opposição a um estado de alma, e, para mais realçar este, uma aguarela sobre a qual paira uma calma singular. O mar acompanha esse sossego na quebra preguiçosa das ondas e, para vincar melhor esta quietude, desce o pincel até ao seio do oceano, esboçando, «in loco», os peixes adormecidos».

À dor de Aónio responde esta singela paisagem litoral com a mesma perturbadora e irritante serenidade: o mar, lá mais para longe, «bate», o arvoredo «move-se brandamente» e a voz do pescador é levada sugestivamente pelo vento, devido à harmonia imitativa do final: «leva-lhe o vento a voz que ao vento deita».

Nada de concreto, nada de particularmente descrito; simples esboços, linhas quase esfumadas que nos dão, no entanto, nitidamente, a quietude de uma paisagem da beira mar. Ao Poeta, porém, serve essa

quietude para pôr a nu um drama íntimo, intenção essa que poderemos surpreender em quase todos passos da Lírica e que, embora prejudique o descritivo realista da paisagem, consegue, de onde em onde, verdadeiras maravilhas de encantos naturais, como, por exemplo, no soneto de que Bocage se confessa tão devedor. Af também Camões procura enunciar suavidades de cenário para concluir pela absorção total amorosa :

*«A formosura desta fresca serra  
É a sombra dos verdes castanheiros,  
O manso caminhar destes ribeiros,  
Donde toda a tristeza se desterra;*

*O rouco som do mar, a estranha teira,  
O esconder do sol pelos outeiros,  
O recolher dos gados derradeiros,  
Das nuvens pelo ar a branda guerra;*

*Enfim, tudo o que a rara natureza  
Com tanta variedade nos ofrece,  
Me está, se não te vejo, magoando.*

*Sem ti, tudo me enoja e me aborrece ;  
Sem ti, perpétuamente estou passando  
Nas mores alegrias mais tristeza.*

E' no terceiro verso que Camões começa a espalhar toques de aguarela com requintes de delicadeza. E' «o manso caminhar» das ribeiras, na sua aliança de suavidade vinda do epíteto *manso* com o verbo *caminhar*, deslocado do domínio aplicável a seres animados, a pôr-nos perante os olhos o leito estreito de pequeno regato, obrigado pelos meandros, a uma doce lentidão. Depois, vem o «rouco som do mar» trazendo na sua harmonia imitativa o bramido das ágnas a quebrarem junto à barreira, ao passo que «o esconder do sol pelos outeiros», mediante a circunstância no plural, vai graduando temporariamente o pôr do sol, com reforço do «recolher dos gados derradeiros» com valor expressivo no adjectivo.

Toda esta lentidão é coroada pela «branda guerra» das nuvens que, na opposição do substantivo com o adjectivo, torna quase subtil o entrechocar que a dança ligeira provoca. A expressão «pelo ar» não permite, também, que a acção se detenha ou alcance um limite temporal, mas prolonga-a indefinidamente, com um recorte lânguido e vago que interpreta bem a melancolia da nossa paisagem.

Não poderemos assinalar pinturas fortes, decisivas, com manchas de cor, com rigor de traçado, nascidas da paleta de um realista. Aqui, a sua visualização chega até nós mediante a estranha veia artística do Poeta e o nosso poder de captação e compreensão. À medida que fomos fixando o soneto, foi surgindo a aguarela, rica de suavidade, de tonalidades doces de sol-pôr, com sombras de castanheiros, amenidades de regato e, por pano de fundo, o mar longínquo com as nuvens quase esfumadas a ondearem lentamente e a enquadrarem toda a cena da recolha dos gados.

Aliando-se a esta maneira de pintar com tons quase desvanecidos, outra técnica possui o nosso Poeta, apreendida por ele no contacto com a própria natureza que, segundo diz, possui :

*« . . . . . estranha subtilidade de pintura,  
Que matiza, em uma hora, de mil cores,  
O céu, a terra, as flores, monte e prado! »*

Foi essa mesma subtilidade que resolveu explorar, para oferecer, como

prémio, aos navegantes cansados um repouso merecido, reunindo, para isso, o que de mais belo conhecia e imaginando uma ilha, segundo ele, «alegre e deleitosa», juncadinha ne ninfas a tentarem uma assinatura de Ticiano.

É fora de dúvida que ela corresponde à nossa ideia, não nos deixando insatisfeitos nem pelo colorido, nem pela harmonia. O mesmo poderemos dizer da paisagem esboçada na célebre canção ditada por mágoas, sentidas junto do cabo Guardafui, e que lembra a Hernâni Cidade um «esboço a carvão» pelas tintas escuras que apresenta.

É possível que se trate de uma paisagem oriental; o que, porém, sentimos como verdadeiro é a unidade da descrição e do estado moral do Poeta. Intensifica-se a dureza da paisagem com o céu vasto sem uma ave a dulcificar-lhe o infinito, com a terra deserta sem uma fera a dar-lhe vida, com os rochedos mudos, sem uma fonte a brotar. E é precisamente na notação do que lhe falta que esse monte ganha tons mais carregados, conduzindo nos ao amargo acabrunhamento que tenta revelar.

De resto, todas as mais telas, descritivas de belezas naturais, se apresentam mais ou menos filiadas nos clássicos, embora fácil nos seja surpreender em todas elas as características que temos vindo assinalando como próprias da lira camoniana. Mas, porque elas são frequentes, omitimos referências às fontes a deixarem transparecer as «alvas pedras», ao murmurar das ondas, às manchas cromáticas dos *lírios roxos*, das *brancas rosas* ou dos mirtos, para irmos tentar, numa nota final, sintetizar algo do que dissemos.

Parece-nos termos tido ocasião de ver que a realidade física e psicológica são bem transmitidas pelo Poeta, não sob forma directa, mas sob um traçado sugestivo, a destinar, assim, a sua poesia a um escol que, para a sentir integralmente, carece de possuir, acima de tudo, sensibilidade.

A adjectivação entrevista, embora de acentuado cunho clássico, mostra-se original pelo lugar que ocupa na frase e pelo valor expressivo aproveitado por Camões. Também os verbos, o talhe da frase e as comparações contribuíram para que as descrições fossem apreendidas e completadas pelo nosso espírito.

Pelas grandes telas que fizemos passar sob os nossos olhos, pelos rostos femininos, nimbados de suavidade ou traçados a recortes mais ou menos nítidos, pelos estados psicológicos que penetrámos, pelos quadros cheios de movimento das batalhas ou pelo sugestivo das paisagens, poderemos concluir que Camões pinta com expressividade e consegue fazer-nos experimentar visualmente o que pretende que seja do nosso conhecimento.

Por isso mesmo, evocando, no dia de hoje, esta particularidade da poesia camoniana, quer-nos parecer que a intenção não foi de todo má, havendo apenas a ser-nos perdoada a sua realização.